

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE-UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**MEMÓRIA E MODERNIDADE: IMAGENS DA MULHER URBANA NO
JORNALISMO DE REVISTA EM *O OLHO DA RUA, O PARANÁ MODERNO E A
BOMBA***

BEATRIZ LETICIA ROCHA HORST

**GUARAPUAVA
2014**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE-UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO

**MEMÓRIA E MODERNIDADE: IMAGENS DA MULHER URBANA NO
JORNALISMO DE REVISTA EM *O OLHO DA RUA, O PARANÁ MODERNO E A
BOMBA***

Dissertação apresentada por Beatriz Leticia
Rocha Horst, ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade
Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO,
como um dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Letras.

Orientadora
Profa. Doutora: Níncia Cecília Ribas Borges
Teixeira.

GUARAPUAVA
2014

Catálogo na Publicação Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

H819m Horst, Beatriz Leticia Rocha
Memória e modernidade: imagens da mulher urbana no jornalismo de revista em O Olho Da Rua, O Paraná Moderno e A Bomba / Beatriz Leticia Rocha Horst. -- Guarapuava, 2014
xii, 96 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014

Orientadora: Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira
Banca examinadora: Luísa Cristina dos Santos Fontes, Claudio José de Almeida Melo

Bibliografia

1. Letras. 2. Memória. 3. Modernidade. 4. Mulher. 5. Periódicos. 6. Representação. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 070.172

TERMO DE APROVAÇÃO

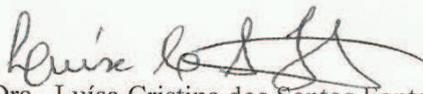
BEATRIZ LETICIA ROCHA HORST

“MEMÓRIA E MODERNIDADE: IMAGENS URBANAS NO JORNALISMO DE REVISTA EM O OLHO DA RUA, O PARANÁ MODERNO E A BOMBA”

Dissertação aprovada em 19/03/2014 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração em Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



Profa. Dra. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira
(Orientador/UNICENTRO)



Profa. Dra. Luísa Cristina dos Santos Fontes
(UEPG)



Prof. Dr. Cláudio José de Almeida Mello
(UNICENTRO)

GUARAPUAVA-PR
2014

Dedico este trabalho aos essenciais:
Rubens, Valma, Vanessa, Thaise, Isabella,
Fábio e Níncia, de quem já tenho os maiores
títulos: filha, irmã, madrinha, mulher e aluna.
E, à minha avó Geni, que carregava no
coração a poesia e a oração.

AGRADECIMENTOS

O ato de escrever foi um trabalho solitário, na leitura de um livro, sentada à frente do computador, nos labirintos da pesquisa, mas a conclusão e a realização dessa dissertação e todas as etapas do curso, com certeza não o foram, muitas foram as mãos, sugestões, viagens, orações, aulas, trabalhos, orientações, leituras, degraus, sorrisos, correções, que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Agora, o mínimo que posso fazer é agradecer de todo o coração por tudo que fizeram por mim, e por isso são muitos os obrigadas:

À CAPES, pelo, ainda necessário, incentivo financeiro.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Paraná pelos direcionamentos importantes e rápidos.

À Marcell e Felipe, secretários do Mestrado em Letras; Andreia e Vânia funcionárias da Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da Unicentro, pela atenção e cordialidade de sempre, quanto às datas, aos horários, aos trâmites e documentos.

Aos colegas de mestrado, pelas leituras de textos, conversas no corredor, avisos no face, e-mails, risadas, sucos e cafézinhos compartilhados nesse tempo bom que se abre a novos caminhos e em especial a uma das poucas amigas que fiz nesse trajeto onde o convívio acaba se transformando numa amistosa competição. Obrigada Loide pelos trabalhos, orações e apoio.

À Prof.^a Maria Cleci, e aos demais professores do Programa por haverem deixado boas marcas!

Aos membros da banca, Prof.^a Luísa Cristina Fontes, Prof. Claudio Mello e Prof. Marcio Fernandes, por acreditarem no trabalho que nos propusemos a fazer e por respeitarem as escolhas e recortes apresentados na pesquisa.

À Claudineya pelo olhar, sempre preciso e profissional, pelas contribuições na busca de uma escrita com poucos deslizes.

À UAB/UNICENTRO, Haleck, Tatiana e Dudu, por sempre “darem um jeito” em tudo, quando eu precisava sair para as aulas e demais atividades do mestrado; Prof. Sansana e Prof.^a Cida, incentivadores e orientadores, superiores não apenas nas atividades do trabalho, mas nos direcionamentos para a vida, para a carreira acadêmica, para as relações interpessoais.

À Faculdade Guarapuava, Prof. Carlos Gomes, Prof.^a Cerize, Prof. Daniel, Prof. Rodrigo e Luciana, pelo incentivo e compreensão, na busca pelo aperfeiçoamento, que me trouxe a oportunidade de realizar um sonho: ser Professora!

Aos meus alunos para quem me torno melhor, e realizo os versos, com muito orgulho, de que é “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina” (Cora Coralina).

Às amigas mais do que especiais: Adriana, Denise, Mara, Margaret, Miriam e Priscila, por torcerem sempre.

À Priscila, amiga e intercessora, sobretudo nas conversas com Deus, obrigada pelas orações e palavras certas, nas horas mais difíceis. Cresci e aprendi muito com você nessa trajetória de Unicentro, sentirei muita falta das nossas reuniões, sempre muito produtivas e divertidas.

Aos amigos de todas as horas Michele e Cleber. Alguns amigos se tornam nossos irmãos. Mi, você é assim, uma amiga-irmã.

Aos meus familiares e avós, Valdir e Maria, pelo incentivo e carinho.

Aos meus pais Rubens e Valma, lugar de refúgio, força e fé para continuar nessa e tantas outras trajetórias, que entenderam a ausência, que fizeram das horas de

folga, momentos de felicidade, com quem eu me especializo como pessoa. Mãe, esse é mais um diploma para sua coleção. Pai, esse é mais um degrau que eu subo para me aproximar dos olhos do gigante que você é.

Ao meu irmão Leandro, por me mostrar que a vida não deveria ser levada tão a sério.

Às minhas irmãs Vanessa e Thaise, presentes de Deus, anjos na minha vida, amor incondicional, a minha melhor parte.

A minha sobrinha e afilhada, Isabella que chegou, no meio do curso, para renovar as energias e sonhos, o sorriso mais poderoso do mundo, que deixa a minha vida tão mais doce.

À Níncia, pela liberdade com que me conduziu e pela força com que me fez buscar o melhor, por sua orientação segura e atenta, pela gigantesca paciência. As palavras e direcionamentos não ficam nessa pesquisa, eu as levo para a vida. E dos percalços e perigos do caminho, parodiando o poeta Mário Quintana, eles passarão... nós passarinhos. Muito obrigada por acreditar, confiar e dispor de tanto tempo para esse trabalho, que também é seu.

Ao meu amor Fábio, por acreditar, às vezes mais do que eu, que esse sonho seria possível e que eu chegaria ao final, mas não ao fim. Obrigada meu amor pela força, por nunca deixar que eu desanimasse, por me acordar, por cobrar, e mais uma vez, como disse nosso poeta: “sou porque tu és, [...] sou e somos... E por amor Serei... Serás... Seremos” (Neruda)

A Deus infinita fonte de sabedoria, por atender minhas súplicas e iluminar meu caminho e à Mãe-rainha por interceder por mim!

"Não haverá borboletas se a vida não passar
por longas e silenciosas metamorfoses".
Ruben Alves

ROCHA HORST, Beatriz Leticia. **MEMÓRIA E MODERNIDADE: IMAGENS DA MULHER URBANA NO JORNALISMO DE REVISTA EM *O OLHO DA RUA, O PARANÁ MODERNO E A BOMBA*** 96 f. Dissertação Programa de Mestrado em Letras. Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Orientadora: Professora Pós-Doutora Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira. Guarapuava/PR, 2014.

RESUMO

A pesquisa busca investigar aspectos constitutivos do processo de modernização do espaço urbano de Curitiba/PR representados nas páginas dos periódicos paranaenses *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*, que circularam na capital nas primeiras décadas do século XX. O *corpus* analisado é constituído por reportagens, charges e anúncios publicitários que operam como lugares simbólicos da memória. Nessa abordagem as teorias ligadas à História Cultural e à Teoria da Comunicação fundamentam as discussões e as análises dos textos, e possibilitam reflexões sobre a compreensão da reorganização do espaço urbano, face à inclusão da mulher como elemento da modernidade. Os resultados apontaram que a cidade moderna além de lugar de memória, encerra outro espaço: as revistas, as quais produzem novos modelos de identificação e de comportamento agem como ferramentas de representação social, demonstrando uma visão do mundo que pode ou não corresponder à realidade.

Palavras-chave: Memória; Modernidade; Mulher; Periódicos; Representação

ROCHA HORST, Beatriz Leticia. **MEMORY AND MODERN: IMAGES OF URBAN WOMAN MAGAZINE JOURNALISM IN THE *O OLHO DA RUA, O PARANÁ MODERNO AND A BOMBA***. 96 f. Dissertation. (Master of Letters). – UNICENTRO. Supervisor: Professora Pós-Doutora Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira. Guarapuava/PR, 2014.

ABSTRACT

The research aims to investigate constitutive aspects of the modernization of urban space in Curitiba / PR represented in the pages of journals *Paraná Eye Street*, *The Modern* and *The Paraná pump*, which circulated in the capital in the early decades of the twentieth century process. The corpus analyzed consists of stories, cartoons and advertisements that operate as symbolic sites of memory. In this approach the theories related to Cultural History and Theory of Communication underpins the discussion and analysis of texts, and enable reflections on understanding the reorganization of urban space, given the inclusion of women as an element of modernity. The results showed that the modern city as well as a place of memory, terminating another space: the magazines, which produce new models for the identification and behavior, act as tools of social representation, demonstrating a vision of the world that may or may not correspond to reality

Key-words: Memory, Modernity; Woman; Magazines; Representation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O bonde elétrico.....	21
Figura 2 - a: Mulher & Filhos b: Casa Stolze c: Casa Metal	22
Figura 3 - Referência europeia nas publicidades	26
Figura 4 - Esquerda: Portal do Passeio Público em Curitiba. Direita: Portal do cemitério de cães em Paris	30
Figura 5 - Aspectos Coritibanos I e II	32
Figura 6 - Partida dos correios	41
Figura 7 - O Olho da Rua	45
Figura 8 - Capa O Paraná Moderno.	46
Figura 9 - A Bomba	48
Figura 10 - O Bello feminino.....	52
Figura 11 - Collegio Santos Dumont.	56
Figura 12 - O Medo	58
Figura 13 - Capa revista O Olho da Rua.	59
Figura 14 - Como se devem vestir as meninas.	62
Figura 15 - O Penteados Moderno.....	63
Figura 16 - Receita para arranjar noivo.....	63
Figura 17 - Bem acompanhada.	70
Figura 18 - Os milagres do automovel	70
Figura 19 - As nossas creadas.....	73
Figura 20 - Elixir de Nogueira.....	78
Figura 21 - A Saúde da mulher.	80
Figura 22 - Específico das senhoras e pessoas debilitadas.....	83
Figura 23 - O Dynamoginol.	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. RETRATOS DE UM PARANÁ MODERNO: A CAPITAL E SEU ESPAÇO SOCIAL.....	18
2.1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA NA <i>BELLE ÉPOQUE</i> CURITIBANA	35
3. A CIDADE ENTRE PALAVRAS E IMAGENS	39
3.1 Mulheres da cidade: a modernidade nas páginas dos periódicos <i>O Olho da Rua, O Paraná Moderno e A Bomba</i>	48
3.2 Mulher e Mãe: entre o público e o privado	61
3.3 Mulheres e saúde do corpo: a publicidade nas páginas da revista <i>A Bomba</i>	74
4. CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS.....	89

1. INTRODUÇÃO

A modernidade, com sua atmosfera de reformulações e agitações, experimentada por algumas cidades brasileiras nas últimas décadas do século XIX e na primeira metade do século XX é forjada a partir de modelos europeus. A cultura da modernidade é essencialmente urbana. A urbe passa a ser o cenário dos acontecimentos da vida moderna, na qual figuram, de um lado, as engrenagens capitalistas que fazem o mundo trabalhar e se transformar, na sincronia de um relógio; e de outro, a liquidez do próprio tempo, da sua própria história, materializada nas produções culturais, artísticas, políticas e jornalísticas que contribuíram para as mudanças de comportamento. As alterações relacionadas ao ambiente da rua atribuem um novo perfil para esse espaço, o qual vai perdendo o caráter de via de passagem, e passa a assumir a função de lugar de interação, lazer, de comunicação, e por que não dizer de exibição da nova burguesia que se formava no Brasil das primeiras décadas da República.

As transformações pelas quais a imprensa passou com a modernidade provocaram intensas modificações não apenas no texto impresso, mas sobretudo, em práticas culturais e sociais. Uma vez que, além de registrar e divulgar, os modos de ver/pensar o mundo e os processos de modernização urbana que começavam a se fortalecer em todo o país, em especial aquelas vivenciados pelo Rio de Janeiro e, de certa forma, já consolidado em países como França e Inglaterra, passam, do mesmo modo, a agir como importantes mecanismos pedagógicos para assimilação e utilização de modelos tidos como mais civilizados e modernos, advindos da capital federal à época e dos países europeus. De acordo com Willi Bolle, no livro *Fisiognomia da Metrópole Moderna* (2000, p. 26), “[...] a Modernidade ganha concretude material pela concentração sobre um espaço histórico definido: Paris, a ‘capital do século’”.

Nesse sentido, o Paraná e, sobretudo, a cidade de Curitiba, embora se apresentasse pouco desenvolvida em relação às principais capitais brasileiras, também apresentava alterações no seu espaço urbano, transformações culturais e políticas, consolidação das funções sociais dos periódicos impressos e expansão da lógica publicitária.

Entre 1900 e 1920 circulam na capital paranaense cerca de sessenta revistas¹ que revelam e testemunham as alterações culturais de uma época marcada pela forte influência francesa, a qual servia de referência “Desde os assuntos veiculados até os recursos mais usuais de diagramação, ornamentação e estilo gráfico”, conforme assevera Rosane Kaminski (2010, p.4). Os periódicos buscavam criar um conjunto de novos hábitos culturais e práticas sociais no Paraná remontando, assim, uma versão do que representou a *Belle Époque* vivida pela França. Destacam-se dentre essas publicações os periódicos ilustrados de caráter humorístico, que satirizam, ironizam e criticam aspectos políticos, econômicos, os novos posicionamentos femininos, as relações de gênero e o espaço público curitibano.

As fontes analisadas são constituídas de três periódicos produzidos e editados no Paraná: *O Olho da Rua* (1907), *O Paraná Moderno* (1910) e *A Bomba* (1913). Perceber as representações da modernidade nas charges, reportagens, anúncios publicitários e editoriais que compõem o discurso jornalístico dessas revistas é conhecer melhor as regiões privilegiadas da cidade, os traços culturais e ideológicos da sociedade e refletir sobre as memórias que emergem dos textos e imagens veiculados nesses mecanismos.

Para tanto, a concepção de memória que lançamos mão é pautada sobretudo nos estudos de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva, como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. O espaço da cidade moderna encerra ainda outros lugares de memória, como a casa, a rua, as revistas, nos quais afloram representações culturais.

¹ As revistas, que circularam entre 1900 e 1920, encontram-se disponíveis, na Biblioteca Pública do Paraná e no centro de documentação e pesquisa do Paraná A Casa da Memória. As fontes que constituem objeto dessa dissertação foram fotografias do acervo da Biblioteca Pública do Paraná pela Prof. Níncia Ribas Borges Teixeira, coordenadora do Projeto *Memória e Imprensa: a (re)apresentação da mulher no jornalismo paranaense*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq e pela autora da presente dissertação. As revistas podem ser encontradas, ainda, em formato digital, juntamente com mais 11 títulos, no sítio da Biblioteca Nacional, através da Hemeroteca Digital Brasileira, bem como no endereço eletrônico <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br>, o qual apresenta partes das revistas que trazem ilustrações, coordenado, pela pesquisadora do projeto *Revistas Curitibanas: 1900-1920*, Rosane Kaminski. Lançaremos mão de duas dessas bases: Biblioteca Pública do Paraná e hemeroteca digital, a escolha de uma ou outra se dá em função da melhor resolução das imagens das peças selecionadas.

A noção de cultura, por sua vez, deve ser pensada a partir do diálogo entre diferentes dimensões que permitam um olhar abrangente num espaço que converge para uma discussão profícua, além das fronteiras disciplinares, que abarcam alguns debates sobre arte, sociedade e linguagem. Considerando os periódicos que compõem o *corpus* da presente pesquisa, como fontes que sinalizam essas estruturas, entendemos que um estudo inserido no âmbito dos Estudos Culturais, possa contribuir para o entendimento das relações existentes entre as memórias coletivas e modernidade, bem como para a reflexão sobre os processos de produção cultural a partir da participação de grupos que, deixados à margem, não eram reconhecidos pelas contribuições às novas formas de pensar os meios de comunicação, mas acima de tudo, à cultura moderna.

Nesse sentido, Michelle Perrot, afirma que as mulheres contribuíram de maneira tão ou mais significativa que os homens na história social e cultural que temos hoje. Para a historiadora, “[...] as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução” (1995, p. 09), somos agentes históricos e muito se perde nessa historiografia que não contempla as contribuições femininas, já que as mulheres não vivem isoladas, mas se integram continuamente com os homens.

A partir da análise de determinado jornal ou revista, situados num momento sócio-histórico e ideológico específico, é possível verificar, em linhas gerais, como o real é desconstruído e representando nas publicações, no que diz respeito à relação de gênero. Segundo Saffioti (1996, p.531), a concepção mais satisfatória do termo gênero caminha na “direção de representações e auto-representações em permanente processo de des-re-construção”, reguladas por práticas sociais como os conhecimentos científicos, as artes, os discursos institucionais e as ideologias ali materializadas.

Diante dessa tônica, compreende-se que a imprensa tem o poder de consolidar estereótipos, ou de levá-los ao leitor estabelecendo um modelo de perfil a ser seguido. De acordo com Dulcília Buitoni (1990, p. 12), “[...] a evolução da imprensa brasileira e a emancipação da mulher, na segunda metade do século XIX e início do século XX, marcou o surgimento da chamada imprensa feminina”. Nesse sentido, a nova proposta do jornalismo cria, nessa época, um modelo ideal de mulher e sugere que todas sejam como ela, tanto no aspecto físico quanto no

comportamental e, para isso, as matérias, anúncios, fotos, trazem sugestões de comportamentos sociais, moda, saúde, elementos presentes nos periódicos *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*.

A partir das leituras e seleção das referidas fontes, organizamos as reflexões e análises desta dissertação. No primeiro capítulo tratamos das formulações sobre a modernidade e contextualização dos aspectos da capital moderna que o Paraná almejava construir. Ainda no que tange a esse período, apresentamos breves considerações acerca da memória e da função das revistas enquanto lugares de memória.

O segundo capítulo aborda as revistas enquanto espaços que evidenciam aspectos sobre o processo de representação da cidade a partir do jogo de textos e contextos, imagens e palavras que compõem o diálogo entre o novo cenário que a modernidade apresentava e as memórias que eram representadas. Para tanto, as discussões em torno das peças escolhidas foram divididas em três grandes temas que envolvem em um primeiro momento, a inclusão da mulher no espaço urbano da cidade, fruto das reformulações advindas das reorganizações da modernidade nas páginas da imprensa, sobretudo nos espaços dos periódicos *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*. Numa segunda perspectiva de análises, buscamos trazer à cena o debate sobre os textos que tratam e ensinam como a mulher deve se portar enquanto mãe e esposa, o cuidado com o lar e com os filhos, sobretudo no que diz respeito à orientação das filhas e a maneira pela qual a mídia dissemina a ideia sobre o casamento, figurando praticamente como única alternativa correta, no que diz respeito ao dever, à moralidade, de meninas. Finalizando este caminho analítico, refletimos sobre a saúde do corpo da mulher, a partir de peças publicitárias, veiculadas no periódico *A Bomba*, que sugerem produtos que amenizam os “males da mulher”. As revistas, conforme a própria função dos meios de comunicação, operam como importante ferramenta para a coletividade, informando e orientando sobre os cuidados com a saúde e higiene.

Nesse sentido, entendemos que os discursos que circulavam nas revistas paranaenses do início do século XX elucidam como os textos e contextos, mediados pela linguagem, operam como aquilo que designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos e uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais (CHARTIER, 1990).

2. RETRATOS DE UM PARANÁ MODERNO: A CAPITAL E SEU ESPAÇO SOCIAL

*“O homem esposou a máquina
e gerou um híbrido estranho:
um cronômetro no peito
e um dínamo no crânio.
As hemácias de seu sangue
são redondos algarismos.
[...]
Exato planejamento,
a vida do maquinomem.
Trepidam as engrenagens
no esforço das realizações”.* (Helena Kolody)

Os deslocamentos e reordenações dentro de uma nova perspectiva de tempo e espaço ocorridos na cultura, economia, religião, ciência e sociedade, advindos da Europa a partir do século XVII, são alguns dos aspectos do que foi chamado de período moderno. Anthony Giddens, no livro *As consequências da modernidade* (1990), afirma que a modernidade “[...] refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1990, p. 11).

A ideia de modernidade está intimamente ligada ao espaço urbano, ao reaparecimento das cidades, e a todas as alterações advindas dessa nova ordem social. Para o autor, os modos de vida produzidos nesse período romperam com todos os tipos tradicionais de ordenamento da sociedade, de uma maneira sem precedentes, em função das discontinuidades e singularidades da modernidade. Para Giddens (1990), existem três características principais que desvencilham as ordens sociais tradicionais das instituições sociais modernas: A primeira diz respeito ao ritmo acelerado das mudanças, resultado dos avanços tecnológicos; a segunda, refere-se aos locais, quase simultâneos, onde as mudanças acontecem, uma vez que a interconexão entre diferentes partes do globo propiciava que as ondas de transformação social se irradiassem de maneira mais dinâmica entre cidades e países; e terceiro a natureza intrínseca das instituições modernas como o Estado-Nação, os sistemas de produção de energia e produtos, e as relações de trabalho assalariado.

Para o teórico Zygmunt Baumann, em *Modernidade e ambivalência* (1999), a modernidade sólida² é determinada, principalmente voltada a um ideal proposto pelo projeto moderno de controle das ações humanas pela razão, que consistia, basicamente, em transformar o mundo em o “melhor possível dos mundos” a partir de dois elementos fundamentais: os Estados-Nações e a ciência, os quais buscavam, sobretudo, a eliminação da ambivalência. Tudo deveria ser conhecido e categorizado pela ciência numa tentativa de controle dos Estados–Nações.

Marshal Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1986), discorre, a partir das leituras de Charles Baudelaire e Walter Benjamin, como se deu o processo de desenvolvimento da cidade moderna: Paris, bem como, sobre o que seria um dos fatos mais marcantes da modernidade: “a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno” (BERMAN, 1986, p. 128). Esse caráter de dualidade tem, de um lado, o material, ligando-se a ideia de “modernismo”, tido como uma “[...] espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos” (idem); e de outro, a “modernização” na qual “[...] se situam um complexo de estruturas e processos materiais — políticos, econômicos, sociais — que, em princípio, uma vez encetados, se desenvolvem por conta própria” (idem), com mínima ou nenhuma participação da alma ou espíritos humanos.

Para Berman (1986), a interdependência desses elementos foi percebida com riqueza e profundidade de escritores e pensadores como Goethe, Hegel, Marx, Stendhal, Baudelaire, dentre outros. Contudo, é para este último que o teórico se dedica e afirma que a lição sobre modernidade pode ser formulada a partir dos trabalhos de Baudelaire, segundo o qual evidencia que “[...] a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas, é inseparável das contas que o homem moderno tem de pagar” (BERMAN, 1986, p. 137).

Segundo Giddens (1990), as dicotomias tempo/ritmo e espaço/abrangência, até então, não existentes, surgem na modernidade diante da necessidade da separação de tempo e espaço. O tempo já foi objeto de muitas

² A modernidade para Bauman pode ser dividida em dois grandes momentos: moderno e pós-moderno, os quais são denominados pelo filósofo de modernidade sólida e modernidade líquida.

culturas e já foi marcado de várias formas, face à implantação do sistema de transporte ferroviário na era moderna, inicialmente na Europa, assume uma forma como nunca vista até então.

Cria-se, em virtude da necessidade e rigor no controle do tempo, uma forma universal de registro: a divisão do globo terrestre em 24 fusos horários. A adoção desse sistema aconteceu de forma gradativa e nas primeiras décadas do século XX já havia sido adotada em grande parte da Terra. No Brasil, até 1914 cada cidade e capital marcava o tempo a partir da posição do sol, depois atribuiu-se ao francês Henrique Morize, a adoção do sistema de hora oficial e dos fusos horários em todo o país.

A noção simbólica de tempo define, em partes, o que significou a modernidade: uma transição de novos processos através da substituição gradual dos dogmas religiosos para os estudos científicos, relacionados ao capitalismo, e à Revolução Industrial, num movimento frenético e turbulento. Nesse contexto, tempo é dinheiro e universal para o homem moderno, e cada vez mais o ser humano o vê de forma mais célere, as distâncias se tornaram menores, os compromissos se multiplicaram. Nesse sentido, os meios de transporte passam a operar como poderosos instrumentos de “manipulação” do tempo, para Flora Sussekind, no estudo *Cinematógrafo de Letras* (1987), na tentativa de paralisar o tempo foram incluídas:

[...] as modernas possibilidades de locomoção em veículos como os trens, os bondes com tração elétrica, automóveis. Porque, de certo modo, ofereciam o espetáculo de uma superação de distâncias, antes aparentemente enormes, graças ao movimento mecânico. E, também, de um controle possível sobre o tempo, que parecia possível alargar ou comprimir, de acordo com o uso ou não de tais maquinismos. (SUSSEKIND, 1987, p. 49).

O que causa certa admiração, na utilização dessas novas opções de transporte não é apenas a sua função mecânica de levar passageiros de um lugar para outro de uma maneira mais rápida, menos cansativa, mas do seu desempenho enquanto aceleração da vida, ou até mesmo, conforme afirma Sussekind (1987), “A paisagem cotidiana que se vê fora do carro se desrealiza e, dentro dele, o passageiro, num torpor imperceptível, perde, em parte a noção de tempo”.

As fotografias que permeavam as revistas nesse período operam, do mesmo modo, como ferramentas nessa busca pelo controle do tempo, pela pretensiosa busca da sua paralisação. De acordo com Sussekind (1987, p. 49), “[...] as técnicas de produção e reprodução de imagens e sons” são tentativas de paralisar o tempo. A cristalização de um momento em uma imagem, de forma que as transformações no cotidiano das pessoas e no cenário urbano da cidade, seja pelo passeio no parque ou pela utilização do bonde permaneçam suspensas.



Figura 1 - O bonde elétrico

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 13. Julho de 1907. Biblioteca Pública do Paraná

No aglomerado e volume de pessoas, produtos e novidades do espaço urbano, o tempo parece passar mais depressa e, conseqüentemente a vida parece passar mais rápido. Porquanto alguns reajustes no cenário social de Curitiba se efetivam para acompanhar as mudanças que já vinham ocorrendo no país nas últimas décadas do século XIX. Esse final de século foi marcado por grandes reformulações no campo intelectual, social e tecnológico, no que fora também chamado na França de *Belle Époque*. De acordo com Teixeira (2005), esse momento é marcado não apenas pelas mudanças materiais, mas sobretudo, pelas alterações de sentidos e sensações.

Afloram os sentimentos de modernização e mudança em função da inserção de invenções revolucionárias, dentre as quais figuram a eletricidade, o automóvel, o cinema, o telefone, o gramofone, com as quais a sociedade moderna se deparou. A familiarização da população curitibana com esses novos aparelhos, que tinham o propósito de facilitar a vida das pessoas, é mais uma vez sedimentada e difundida pela imprensa são inúmeros os anúncios e publicidades sobre esses objetos.



Figura 2 - a: Mulher & Filhos³ b: Casa Stolze⁴ c: Casa Metal⁵

Essas inovações surgem como algo diferente, um desafio ao imaginário da época, alterando de maneira significativa a percepção e a sensibilidade de urbanidade. “A automação é um desses valores inéditos para os padrões de percepção social; automatizando o trabalho humano, a máquina libera um excedente de tempo e faz com que as pessoas se familiarizem com as novas coordenadas de espaço e tempo” (TEIXEIRA, 2005, p.34). Contudo, nem todos viram essa economia com bons olhos. Nesse sentido, Teixeira (2005) afirma que

³ a: Revista *O Olho da Rua*. Edição nº 12. Setembro de 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq>

⁴ b: Revista *A Bomba*. Edição nº 6. Julho de 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq>

⁵ c: Revista *A Bomba*. Edição nº 5. Julho de 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq>

[...] houve reações à padronização e à uniformização, principalmente pela modificação da própria consciência do tempo que passa a ser concebido como matéria abstrata, linear e uniformemente dividida de acordo com as convenções humanas. Em contraposição ao passado, quando o tempo era associado à categoria do eterno, agora com a cultura do modernismo, ele vai se transformar em algo exterior do próprio homem (TEIXEIRA, 2005, p.35)

Os efeitos da modernidade se fizeram globais e os registros das influências desse período, sobretudo no que diz respeito às relações de trabalho, aos modos de produção artística e de bens materiais, e a valorização do conhecimento técnico-científico, são registrados na historiografia brasileira. O fim da Guerra do Paraguai (1865-1870) é considerado como um marco que define o início do período Moderno em grande parte da América do Sul. Sobre isso, Jeffrey Needell, no livro *Belle Époque Tropical* (1993) afirma que foram três as mudanças fundamentais que o Brasil sofrera com o término da Guerra:

Primeiro, os entrepostos urbanos haviam crescido enquanto núcleos de concentração populacional, cultural e de infraestrutura, transformando-se em centros políticos de um novo tipo. [...] Segundo, a escravatura, [...] estava com seus dias contados. A contestação política dos abolicionistas manifestou-se intermitentemente com a intensidade cada vez maior, constituindo uma ameaça fundamental à antiga ordem. [...] Terceiro, enquanto por um lado a organização política e os círculos dominantes da monarquia continuavam a servir às antigas elites do Nordeste e do interior do Rio de Janeiro, por outro os apetites das novas elites permaneciam insatisfeitos. (NEEDELL, 1993, p.20)

Essas mudanças começam a se intensificar a partir de 1868, quando a Guerra se encaminha para o fechamento e dois movimentos políticos se fortalecem no país, sendo um republicano e outro abolicionista. De acordo com Needell (1993), os partidários da ala liberal republicana da Câmara pressionavam o imperador e exigiam o fim da própria monarquia. De um lado havia uma facção formada pela nova elite de fazendeiros paulistanos que viam na República a redistribuição do poder de modo favorável aos interesses regionais. “Eles vislumbravam uma federação descentralizada, na qual cada unidade desfrutaria da receita que gerasse e seria governada por representantes eleitos pela elite local” (NEEDELL, 1993, p.22). De outro lado, uma base republicana, que buscava

um novo Brasil, contrário à realidade agrária, com a qual a elite paulista se regozijava, através da

[...] reformulação do país conforme os modelos políticos apresentados pelos republicanos norte-americanos e franceses. Ainda mais comum era os que propunham um modelo de desenvolvimento baseado nos mesmos mecanismos de modernização que impulsionavam a industrialização nos países do Atlântico Norte. Encontravam-se partidários desta posição bacharéis em busca de cargos, estudantes de direito, das escolas de medicina e das escolas militares e politécnicas cariocas. (NEEDELL, 1993, p. 23).

Não muito raro, esses bacharéis eram formados na França e Inglaterra. Buscava-se, nesse período histórico, a consolidação do Brasil enquanto país republicano e a construção de uma identidade nacional que pudesse pôr fim aos embates e rebeliões que ocorriam em diferentes pontos do território nacional. O sistema republicano trouxe desestabilização para uma série de famílias tradicionais do Império, e reordenação política para as lutas de abolicionistas e republicanos, que ocorriam no Brasil desde a Inconfidência Mineira. Uma vez que, em tese, abolida a escravatura e proclamada a república, as reivindicações e os anseios desses grupos políticos estariam atendidas, possibilitando que novos trajetos fossem pensados face à implementação do novo sistema de governo. As famílias que compunham a monarquia, já enfraquecidas com o fim do sistema escravagista, perderam de certa forma, com a saída da corte, não apenas o status social, mas a função e influência nos grupos que detinham o poder das decisões no Brasil da virada do século.

Para os brasileiros, naquele contexto, os modelos de civilização eram a França e a Inglaterra, predição que advinha antes mesmo da coroa aportar por aqui, procurando aplicar o que houvesse de melhor e mais moderno por lá. De acordo com Bolle (2000), Paris assume o lugar

[...] das primeiras exposições universais, 'capital do luxo e da moda', centro de planejamento da industrialização da Terra, palco da Exposição Universal de 1867, com o 'desabrochar mais radioso' da cultura capitalista – eis alguns dos atributos que, além de fazer resplandecer sua imagem sobre o século XIX. (BOLLE, 2000, p. 28).

Needell (1993) afirma que as razões que explicam a paixão pela França são complexas, porém, duas delas ajudam a compreender melhor a questão: primeiro, a reputação francesa de qualidade; segundo, a tradição luso-brasileira de patrocínio oficial. Paris passa, nesse sentido, a ser a forma ideal para a sociedade modernizada que o Brasil almejava na virada do século. Assim, Curitiba também, remonta em seu espaço urbano e imprime nas páginas dos periódicos uma série de elementos que retomam modelos de comportamentos, vestimentas, lugares, conteúdo das revistas, produtos e acontecimentos franceses.

CASA CONTADORE

Esta importante alfaiataria acaba de receber enorme sortimento das casemiras mais finas, cheviots, sarjas, etc.

Tem grande STOCK de roupas feitas para homens e crianças, sobretudoos etc.

Executa qualquer trabalho concernente a sua arte e garante a perfeição.

Recbe por todos os vapores os mais modernos figurinos de Paris.

Preços ao alcance de todos.  Rua 15 de Novembro n. 55

11.620 metros a nado!—Realisou-se em Paris, em julho de 1906 um *tour de force* de natação, já sendo o segundo no genero. O exercicio consistia em atravessar a grande cidade pelo Sena.

Tomaram parte dezoito concurrentes, dos quaes quatro eram senhoras, fazendo todos a travessia, á excepção do italiano Amatori, por ter adoecido quasi ao chegar.

Cada um dos nadadores tinha a uma distancia de cem metros um barco encarregado de os seguir, tripulado pelo remador, pelo *entraîneur* e por um salvador da Sociedade de Salvação do Baixo-Sena.

O italiano Rossi tomou a frente, sendo logo alcançado pelo inglez Jarvis, que conservou sempre a deanteira, fazendo o percurso em 2 horas e 42 minutos

O ultimo a chegar foi a baroneza Walburga de Isaciesen, austriaca, gastando 5 horas e 40 segundos.

Jarvis, considerado o melhor nadador conhecido, não deu a menor prova de fadiga ou de esforço, nadando com a maior calma. Sahiu d'agua com o sorriso nos labios, como para demonstrar que ainda podia ir muito longe.

Cynematographos

Vendem-se **apparelhos** e **accessorios** cynematographicos, bem como **fitas** de todas as **dimensões**.

Informações e pedidos com o agente geral nos Estados de S. Paulo e Paraná, Francisco Serrador, Bijon-Theatre; S. Paulo a rua Ebano Pereira n. 15, Curitiba.

Succursal da casa Marc Ferrez & Filhos, do Rio de Janeiro, unicos e exclusivos agentes para todo o Brazil, da casa Pathé Frères, de Paris.

Restaurant Vienna
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 80^A
PROPRIETARIO--JOÃO HEINZ
 ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM

Magnifico serviço de copa. Comida a qualquer hora. Chá, café, chocolate, bebidas especiaes, leite, etc.

PREÇOS MODICOS
AO RESTAURANT VIENNA!

Figura 3 - Referência europeia nas publicidades

Fonte: Revistas *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*. Biblioteca Pública do Paraná.

Num período de consolidação do novo país, a imprensa tem papel primordial na construção de uma identidade, do que seria o modelo moderno ideal

aos paranaenses. A partir das intersecções da vida moderna que tomamos como pano de fundo dessa pesquisa, a cidade de Curitiba, no final do século XIX e nas primeiras décadas no século XX. Por se tratar da capital de um estado que começava a se formar, a imprensa, por sua vez, também caminhava em direção à ampliação. Mantendo ainda muitos aspectos provincianos, Curitiba voltava seus olhares para a maior metrópole brasileira, naquele contexto: Rio de Janeiro, principal acesso dos ideais estéticos, culturais e políticos advindos da França.

A cidade do Rio de Janeiro era o centro de todas as tendências culturais, políticas, sociais e econômicas na transição dos séculos XIX e XX. A capital foi porta de entrada de ideais modernos advindos, sobretudo, de Paris e Inglaterra, sede de inúmeros movimentos que contribuíram para o fim da Monarquia e para a libertação dos escravos. “E não importava o quanto as meadas da República Velha fossem fiadas nos estados; no Rio elas eram tecidas, formando uma malha de conspiração, revolta e politicagem”. (NEEDELL, 1993, p. 40).

Os membros da elite que compunham essa tessitura contribuíram para uma série de mudanças na política e economia. Contudo, recriam, de certa forma, o mesmo modelo aristocrático. De acordo com Needell (1993, p. 40), “[...] as mudanças ocorreram, mas não a ponto de alterar radicalmente dois fenômenos associados: o controle exercido pela elite e sua expressão sociocultural”. Segundo Ruben George Oliven, no estudo *Cultura e Modernidade no Brasil* (2001), a modernidade no país é vista frequentemente como:

[...] algo que vem de fora e que deve ou ser admirado e adotado, ou, ao contrário, considerado com cautela tanto pelas elites como pelo povo. A importação se dá por meio dos intelectuais que vão ao centro buscar as idéias e modelos lá vigentes, aclimatando-os num novo solo, que é a sociedade brasileira (OLIVEN, 2001, p.3).

Segundo Needell (1993, p.67), as mudanças ocorridas na *belle époque* eram celebradas pela elite, “não só o que era feito, mas também o que era desfeito”. Entre 1853 e 1870 Paris teve seu cenário urbano reformulado, a partir de três programas integrados de construção e demolição. Num primeiro momento, ruas estreitas, congestionadas e mal articuladas foram adaptadas ou substituídas por sistemas de circulação e implantação de bulevares que permitiram o descongestionamento da área central.

Num segundo momento, os bairros tradicionais da classe operária, considerados superpovoados e insalubres, foram destruídos ou desmembrados. A construção de vias nesses lugares possibilitou o alívio no congestionamento, levando ar e luz à cidade, e com o novo sistema de esgotos, diminuíram as condições insalubres que causavam epidemias e doenças à população. A parte final desse programa, que deu “[...] ao mundo europeu, o primeiro exemplo de como refazer uma cidade antiga de modo a torná-la prática e bonita” (NEEDELL, 1993, p.51), consistia no embelezamento da cidade, na construção de jardins, parques e na focalização de grandes monumentos e edifícios. Essa reforma foi tão significativa, de modo que, influenciou todo o mundo, pois na sequência, as cidades de Viena, Lisboa, Bruxelas e Buenos Aires também reformuladas.

O Rio de Janeiro, por sua vez, inspirado nessa reforma urbana parisiense, experimentava uma série de mudanças. O forte desejo dos membros da elite que não faziam parte do império em substituir o velho sistema ligado à monarquia pelo novo regime republicano. A pressão dessa burguesia pelo “embelezamento” e segurança nas ruas do centro da cidade, chanceladas, ainda, pelo discurso sanitaria de médicos, exigiram daqueles responsáveis por repensar a capital construções e desconstruções do espaço urbano, de maneira que fossem agradáveis aos olhos da elite. De acordo com Needell (1993, p. 56), novas ruas foram abertas e o traçado de ruas antigas foram alteradas, assim segundo o teórico, “[...] grande parte do estreito, abafado e confuso mundo proletário da Cidade Velha veio abaixo: ruas foram alargadas, recebendo mais ar e luz, foram melhor interligadas, graças à demolição de velhos edifícios”.

Em janeiro de 1893, a demolição do maior cortiço do Rio de Janeiro, o Cabeça de Porco, representou, de acordo com Richard Negreiros de Paula (2013), um marco no processo de reformulação do espaço urbano da capital e do tipo de moradia das classes populares. O cortiço abrigava cerca de 4 mil moradores e simbolizava tudo aquilo que não deveria aparecer no espaço central da cidade: pobreza, precárias condições de higiene e local onde o poder público não tinha influência.

Já no Paraná, em razão das influências de crescimento e desenvolvimento apresentados pelo Rio de Janeiro e da necessidade local, o cenário urbano da capital também foi remodelado, de maneira que as classes populares também

fossem mantidas afastadas das áreas mais nobres da cidade. Entre 1890 e 1914, cerca de 50 mil imigrantes chegaram a Curitiba. Considerando esse significativo aumento no quadro populacional, foram geradas e implantadas uma série de políticas públicas, a partir dos Códigos de Posturas e Códigos Sanitários do Município. Esses programas entraram na casa dos curitibanos e passaram, de acordo com Marcelo Saldanha Sutil, no estudo intitulado *Espelhos por fora, miragens por dentro: a cidade e o morar no início do século XX* (2002), a determinar:

[...] normas higiênicas e saudáveis para residir; os médicos escreveram teses e estudos sobre a moradia e as condições da população, especialmente as camadas mais baixas. [...] Depositou-se nos conhecimentos técnico-científicos, visando à salubridade, à expectativa da solução de todos os males da cidade, que passou a ser planejada de forma a superar os obstáculos materiais. (SUTIL, 2002, p. 252)

Assim como ocorreu no Rio de Janeiro, em Curitiba, a legislação vigente à época buscava garantir, nesse sentido, o bom funcionamento e embelezamento do espaço urbano. Em 1905, criou-se uma lei determinando que, no cruzamento das ruas da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), XV de Novembro e pela Praça Tiradentes ficava proibida a construção de casas de madeira, sendo permitidas somente construções em alvenaria com dois ou três pavimentos. No ano seguinte, essa restrição se expandiu para todo o centro da capital. Para os pesquisadores Elton Barz, Roseli Boschilia, Ana Maria Hladczuk e Marcelo Sutil, no estudo *História de Curitiba* (2000), “As regiões do Alto da Glória e do Batel foram reservadas para as residências dos Barões do Mate, a do Rebouças e do Portão para as fábricas e moradias operárias, e a Rua da Liberdade para a administração pública”, numa tentativa, através da ordenação jurídica, de elitizar estes espaços, uma vez que as construções de alvenaria custavam cerca de cinco vezes mais do que uma casa de madeira e, sendo o Paraná um dos principais produtores de madeira, não havia mão-de-obra qualificada para este tipo de construção e nem materiais, como o cimento, disponíveis.

Curitiba viu os primeiros grandes projetos urbanos acontecerem a partir de 1912 quando o engenheiro civil Candido de Abreu assumiu a prefeitura pela segunda vez. De acordo com Barz et al “Com um empréstimo de 6.000 contos,

começou uma série de obras consideradas audaciosas para a época” (BARZ et al, 2000, p. 6) que lembravam, em linhas gerais, as mudanças realizadas pelas cidades tidas como referência: Rio de Janeiro e Paris. Dentre as reformas mais importantes estão: a construção do Paço Municipal (atual Museu Paranaense), o Mercado Provisório, calçamento e alinhamento de ruas, a canalização do rio Ivo, a retificação do rio Belém, a inauguração do bonde elétrico e a revitalização do Passeio Público.

Mantendo a influência francesa, o portal do Passeio Público é muito semelhante ao portal do Cemitério de Cães, localizado em Asnieres-sur-Sein, França, em função da contribuição do arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard, contratado para ajudar nas reformas do Passeio.



Figura 4 - Esquerda: Portal do Passeio Público em Curitiba. Direita: Portal do cemitério de cães em Paris

Fonte: Imagem da internet⁶.

O primeiro parque público do estado, inaugurado em 1886, inicialmente não foi projetado para o lazer, mas sim como uma medida higienista que se fazia necessária. Segundo Suzelle Rizzi, na pesquisa intitulada *Candido de Abreu e a arquitetura de Curitiba entre 1897 e 1916* (2003): “o saneamento do espaço onde foi implantado o Passeio Publico também estava ligado à ocupação residencial do Alto da Glória. O Passeio Público drenou o banhado, saneou a cidade e permitiu a abertura de acesso a outras regiões”, cumprindo, de certa forma, com os preceitos da modernidade já utilizados nas grandes metrópoles: utilização de novas técnicas arquitetônicas que embelezavam a cidade, melhoria no sistema de tráfego de veículos, criação de uma rede de água e esgoto, as quais

⁶ Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1162993>

transformavam o ambiente da rua (ou melhor dizendo, especificamente da área central da cidade) no lugar perfeito para as vivências da burguesia paranaense, na versão provinciana de uma *belle époque* curitibana.

Nesse sentido Rizzi (2003, p.34) assevera que “[...] como classe dirigente, essa burguesia procurou difundir o ideal de modernização, através de um discurso único o qual favorecia a elite econômica da época”, a administração pública por sua vez investiu de maneira significativa no centro urbano da capital do estado, “com total apoio do poder público preterido pela classe burguesa” (RIZZI, 2003, p.34).

Propiciando não apenas uma vitrine para a elite paranaense, novos hábitos e práticas sociais começam a emergir: a rua como espaço de interação, e o nascimento dos teatros e cinemas como lugar informal de encontros da classe burguesa. Essas instituições se diferenciavam, de acordo com Needell (1993, p. 103), pelo “elevado custo de admissão, que servia de barreira econômica; e a exclusão social praticada ativamente”, mantendo, nesse sentido, um ambiente favorável para a realização de importantes contatos que fortaleciam as relações de poder, influência e riqueza, não muito diferente do que temos hoje, muito embora as cidades tenham crescido, os meios de comunicação adquirido grande abrangência, era de suma importância, de acordo com Needell (1993, p. 104):

[...] a natureza e a importância dos encontros informais no âmbito de instituições como clubes, teatros, casas, contribuíram para facilitar o convívio social entre poderosos e suas famílias. E, em consequência, as amizades, os namoros e as apresentações pessoais e contatos que tornavam a solidariedade de classe e a administração das relações pessoais as atividades calorosas, e certamente eficientes, que caracterizavam a elite da *belle époque*. (NEEDELL, 1993, p. 105)

A manutenção da hierarquia social curitibana se efetivou nos novos espaços de lazer. O contato com as opções modernas de entretenimento reforçaram ainda mais as diferenças sociais. O Colyseu e os teatros Guaíra e Hauer, foram os locais para as primeiras projeções de cinematógrafos e cinemas. Posteriormente, prevendo o sucesso e avanços tecnológicos dessa forma artística, surgem os espaços próprios. A programação, críticas às exposições,

frequentadores desses locais, passam a ter lugar de destaque nas colunas das revistas.

O embrionário centro comercial da capital, contava com uma série de casas especializadas (Casa Celeste de Laurindo Lopes, Roberto Raeder, Casa Crystal Wendler, Schneider & cia - importadores, Casa Huber Rodolph & cia, Casa Stolze e outras cerca de 20 lojas⁷) nas últimas “engenhocas” modernas (aparelhos fotográficos, discos, cilindros, fonográficos, gramofone, bicicleta, motocicleta) que chegavam da Europa, todas localizadas a Rua XV de novembro, originariamente (1810) denominada Rua Nova das Flores, conforme a pesquisa *Paranaguá, Antonina e Curitiba, início do século XIX: reconstituindo espaços e a lógica de sua organização social* (2012), de Allan Thomas Tadashi Kato. A imprensa não só é lugar para propaganda desses estabelecimentos e produtos, mas um local de repercussão e representação da urbanidade moderna e civilizada:



Figura 5 - Aspectos Coritibanos I e II

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 05. Julho de 1913. Biblioteca Pública do Paraná.

Na outra ponta da classe burguesa estava uma população que representava mais de 80% dos cerca de 50 mil habitantes⁸ do início do século XX em Curitiba. Carente de políticas de saneamento, as medidas advindas das

⁷ Registros nas revistas *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba* (entre 1900-1930).

⁸ Dados da população no censo demográfico de 1900, segundo os municípios das capitais. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>.

alterações do novo código de postura em 1919, mais uma vez privilegiou a área central, visando, de acordo com Barz et al:

[...] a melhor delimitação das zonas da cidade, mencionadas nas Posturas anteriores mas não explicitadas. Assim, definia-se que a zona suburbana era a que estava situada até um quilômetro da zona urbana e que o Rocio era a área compreendida entre a zona suburbana e os limites do município (BARZ et al, 2000, p. 6)

De maneira que os processos de modernidade e civilidade não alcançavam as camadas menos favorecidas, constituindo-se, assim, num movimento único de afastamento e expulsão daqueles que não agregavam valores à elite paranaense, relacionados, muitas vezes à ideia de “obstáculo à modernização e as personalidades de elite como pessoas ilustres, que deveriam ser lembradas por seus grandes feitos, como pessoas de grande valor humano” (NOVAES, 2010, p.10).

Embora alguns jornais e revistas desse período denunciassem essas e outras desigualdades, a parcela da sociedade paranaense com baixo poder aquisitivo não era o público leitor dos meios de comunicação que circulavam entre a elite curitibana, a qual contribuía de maneira significativamente para a manutenção e progresso das tipografias e redações jornalísticas, uma vez que a parcela alfabetizada da população representava cerca de 20% e, certamente, em sua maioria não eram os filhos das classes populares.

Os problemas urbanos como o desemprego e a desigualdade social aumentaram, de acordo com Gabriela Novaes (2010), as críticas à modernidade. Nesse sentido, Bolle (2000), assevera que “O século XX, tampouco como o anterior, não soube corrigir a discrepância entre as enormes possibilidades abertas pelo progresso da técnica – as aspirações da modernização – e a falta efetiva de criação de um mundo melhor”.

Havia, contudo, uma expectativa do que seria a cidade ideal, ou do de vir a ser, face à concretude um tanto quanto diferente do sonhado. Gabriela Novaes (2010), afirma que “Para a História Cultural Urbana é importante resgatar a “cidade do desejo”, estabelecida ou não, ela existiu como elaboração simbólica na concepção de quem a projetou e a quis concretizar”. (NOVAES, 2010, p.)

É justamente o contraste entre a construção do imaginário ideal da cidade de Curitiba, projetado pelas classes dominantes, e as reais mazelas sociais vivenciadas por aqueles que não faziam parte da elite, que vão aflorar, em grande parte, das imagens e textos das revistas *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*, compondo assim uma fisionomia⁹ da modernidade urbana da capital paranaense. A imagem, utilizada nesses periódicos, possibilita, de certa forma, o conhecimento de traços que desenham as formas de vida, hábitos, pensamentos, acontecimentos de um Paraná moderno e do espaço social da capital (conforme ilustrados nas figuras apresentadas nesse capítulo) as quais o texto jornalístico sempre esteve ligado. Para Bolle (2000, p. 43), “Por meio de imagens, [...] é possível ler a mentalidade de uma época”.

⁹ A fisionomia, segundo Willie Bolle (2000), ao retomar os estudos de Walter Benjamin, constitui, em linhas gerais, na arte de escrever a história com imagens.

2.1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MEMÓRIA NA *BELLE ÉPOQUE* CURITIBANA

A linguagem indicou de modo inequívoco que a memória não é um instrumento para a exploração do passado, e sim, seu palco. (Walter Benjamin)

A cidade como lugar de memória é recoberta e reconstruída por uma rede de vários e distintos outros lugares de memória. Coexistem no espaço da cidade as densas edificações, o frescor dos parques, os traços de letras e imagens nos livros, periódicos e documentos oficiais, os registros e a força, de quem projetou e construiu esses que também são lugares de memórias. Há de se atentar para o fato de que não são lugares de memória pelo material, mas sim, pelo simbólico, conforme afirma Pierre Nora (1999):

A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não os são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais (NORA, 1999, p.30)

Os periódicos *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*, podem ser classificados, a partir das considerações de Nora, como lugares de memória, uma vez que, são lugares “[...] nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional” (NORA, 1993, p.21). Materiais, pois podem ser entendidos como local físico, onde a memória coletiva é ancorada e o acesso a essa memória se dá através dos sentidos, eu posso ver e tocar as revistas. Simbólicos, lugar onde as memórias coletivas são representadas, através da relação de textos e imagens, os quais despertam sentimentos de identificação e pertencimento. Funcionais, porque passam a assumir a função de arquivar, cristalizar, veicular, registrar as memórias coletivas de um Paraná do início do século XX.

Para Richard de Paula (2013, p.2), “A construção da memória torna-se ainda mais contundente quando se trata da forma de comunicação escrita, uma vez que codifica o acontecimento do presente para o futuro”. As revistas, nesse sentido, tornam-se processo e produto na construção de uma memória da cidade. A memória não deve ser entendida com um objeto estanque, mas sim como algo

fluido, um “espaço móvel que se desdobra, retoma, divide e regulariza” (NEUKIRCHEN, 2006, p.24).

Henri Bergson, no livro *Matéria e Memória* (1999), discorre sobre a existência da memória sob duas formas independentes: a primeira, “registraria, sob formas de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida” (BERGSON, 1999, p. 88), e sem a intenção de utilidade ou aplicação prática, “armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural” (idem). Nesse sentido, Eclea Bosi, em *Memória e Sociedade* (2009), afirma que esse tipo de memória quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência “lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada” (BOSI, 2009, p. 49), a qual reaparece por via da memória de forma não mecânica.

A segunda, muitas vezes de forma automática, incorpora-se às práticas cotidianas, sob a forma de hábito. Adquire-se pelo esforço e pela repetição de gestos ou palavras daquilo que “[...] já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória; já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente” (BERGSON, 1999, p. 89). Para Eclea Bosi, ao refletir sobre as considerações de Bergson, esse tipo de memória é:

[...] um processo que se dá pelas exigências da socialização. Trata-se de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se em um hábito, em um serviço para a vida cotidiana. [...] A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural. (BOSI, 2009, p.49)

Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2004) explica que o processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade é chamado de memória coletiva. O passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como danos e feitos independentemente de terem sido vivenciados por alguém.

Para Halbwachs, não existe memória estritamente individual:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2004, p.30)

Portanto, nessa concepção, nossas percepções sempre se encontram mediadas por elementos do pensamento social, da coletividade, uma vez que nunca estamos exatamente a sós. Só lembramos na medida em que nos colocamos na perspectiva de um grupo e enquanto somos capazes de nos identificar com ele, como os leitores de uma revista, por exemplo. Contudo, é importante ressaltar, de acordo com Halbwachs (2004), que, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 2004, p.55). O que significa que o mesmo leitor pode deixar de assinar a mesma revista, por não ocupar o mesmo lugar, não partilhar o mesmo ponto de vista, ou por encontrar outra que se identifique mais.

Outra consideração importante da obra de Halbwachs é a de que a memória deve ser entendida como reconstrução, reinterpretção do passado e não sua evocação, por isso, ao lançar mão das revistas como *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno e A Bomba* e *O Paraná Moderno*, que circulavam no Paraná há mais de um século não seria possível reproduzir todas as memórias daquele espaço social, uma vez que o passado não pode ser resgatado em sua totalidade, (e somente nas publicações semanais, dentro do número reduzido de páginas, dessas revistas ou em toda a imprensa paranaense). Pois a memória é uma reconstrução do passado que se processa a partir do presente. A lembrança também é preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores, em camadas ao longo do tempo e do espaço, portanto, que já alteraram as imagens do passado.

É possível entendermos, nesse sentido, no espaço dos periódicos, como era representada a elite curitibana, como era experimentada a modernidade na capital paranaense da virada do século, e entender de que maneira a imprensa

contribuía para novas e velhas configurações sociais, políticas e de gênero, mas não como imagens prontas e sim como imagens que estão constantemente se reconfigurando.

Para Halbwachs (2004), estamos sempre lembrando a partir de outras lembranças e que elas nunca são as mesmas. De acordo com o teórico, “[...] a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genética reportada do passado” (2004, p. 77). O desenvolvimento tardio da Memória na infância e o contato com pessoas mais velhas, nos trazem aspectos de um mundo anterior ao nosso, tornando, assim a superposição de informações inevitável. Nesse sentido, Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade* (1994), afirma que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (BOSI, 1994, p. 73)

3. A CIDADE ENTRE PALAVRAS E IMAGENS

O escrito é como uma cidade, para qual as palavras são mil portas. (Walter Benjamin)

Com o advento e consolidação da Nova História Cultural, abrem-se novas possibilidades de investigação científica, sobretudo pelo caráter interdisciplinar e pela utilização de fontes não tradicionais. De acordo com o historiador Jacques Le Goff, em *A História Nova* (1978), houve um alargamento do campo de documentos históricos, a partir da substituição da história positivista de Langlois e Seignobos, baseada essencialmente na reflexão pormenorizada dos fatos descritos nos documentos oficiais, seguindo uma disposição cronológica dos acontecimentos, por “[...] uma outra história que tem como fontes uma multiplicidade de documentos: textos escritos de toda a espécie, documentos figurados, produtos de pesquisas arqueológicas, documentos orais, etc” (LE GOFF, 1978, p. 256).

Essa nova perspectiva no tratamento de diferentes fontes documentais permitiu que jornais e revistas não só se tornassem objetos de estudo, como também fontes de novas possibilidades de investigação. Os periódicos, nesse sentido, não devem ser vistos apenas como veículo de transmissão de informações, de maneira imparcial e afastada da realidade na qual se inserem, mas sim como mecanismo de representação social, uma vez que, segundo Bethania Mariani (1999, p.102-121), neles “[...] se encontram, entrecruzam-se, os interesses ideológicos e econômicos do jornal, do repórter, dos anunciantes bem como, ainda que indiretamente, dos leitores”.

A soma desses elementos evidencia, de certa forma, que as revistas são locais privilegiados e extremamente férteis para leituras e reinterpretações sobre a modernidade que começava a se edificar na cidade de Curitiba e representadas através de palavras e imagens nas páginas das *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*.

O conceito de representação pode ser compreendido segundo os postulados de Roger Chartier, na obra *A história cultural entre práticas e representações* (1990) como:

[...] instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é. [...] As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (CHARTIER, 1990, p. 20).

Nesse sentido, podemos afirmar que *A Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), *Correio Brasiliense* (1808) e *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812) considerados os primeiros jornais e a primeira revista a circularem no país, além das características específicas de cada segmento, apresentam diferentes maneiras de representação da sociedade brasileira e do papel que essa imprensa que começava a surgir no Brasil do século XIX passa a desempenhar.

Após a chegada da corte portuguesa ao Brasil, e implantação da imprensa Régia, é inaugurado em setembro de 1808 o primeiro jornal do país: *Gazeta do Rio de Janeiro*, em alusão a *Gazeta de Lisboa*. O periódico brasileiro trazia notícias da Europa e documentos oficiais, era produzido e editado para um público específico: a Coroa. A liberação da imprensa não resultou em liberdade de expressão, havia uma forte censura que controlava toda e qualquer publicação em território nacional.

Livre de censura, em função de sua publicação fora do país, o *Correio Brasiliense* é lançado em junho de 1808 e circulou até dezembro de 1822, sob a editoração e redação do brasileiro Hipólito José da Costa, em Londres. Para chegar ao Brasil, o jornal vinha por navio, numa época de navegação à vela.

Enquanto a *Gazeta* preocupava-se em informar e repassar às notícias relacionadas a coroa, o *Correio* buscava formar e conquistar opiniões em relação aos problemas sociais do Brasil. De acordo com Sodré (1966, p. 22) “Em tudo o *Correio Brasiliense* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não jornal; em tudo a *Gazeta* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal – embora fosse um exemplo rudimentar”.

A Revista *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, surge em Salvador apresentando, de acordo com a pesquisadora Marília Scalzo, no livro *Jornalismo de Revista*:

[...] discursos sobre costumes e virtudes sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses – quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores e fazer-lhes sentir importâncias das novas descobertas filosóficas. (SCALZO, 2009, p. 27).

A circulação desses e outros periódicos ficavam, de certa forma, comprometidas, em razão das más condições das estradas e dos escassos meios de transporte que o serviço dos correios do Brasil do início do século XIX enfrentava. As condições climáticas eram outro fator que contribuía para o atraso, as vezes de semanas, na entrega do material aos leitores. Segundo Monica Yumi Jinzenji, no estudo *cultura impressa e educação da mulher no século XX* (2010, p.63), “a chegada dos correios era aguardada com grande expectativa, pois representava, em boa parte, o vínculo com as outras partes da província, do Império e do mundo”.

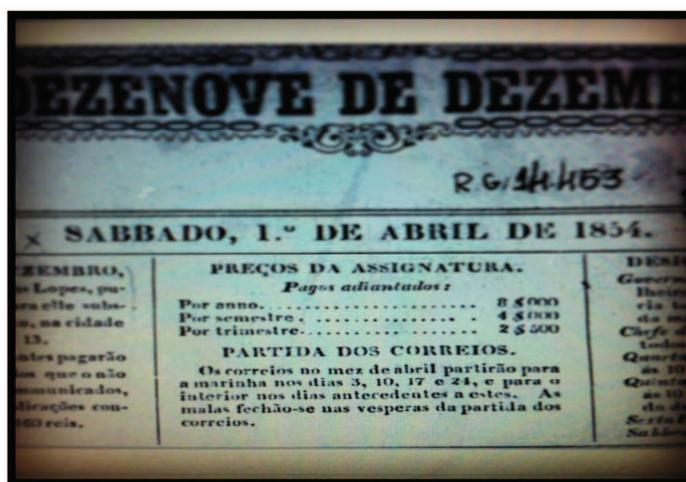


Figura 6 - Partida dos correios¹⁰

¹⁰ No Paraná, a imprensa é inaugurada em abril de 1854 com a criação do jornal curitibano *O Dezenove de Dezembro*. O periódico era composto, de acordo com o estudo, *A lei de terras nos folhetins D' O dezenove de dezembro*, de Sílvia Martins de Souza e Reinaldo Nishikawa de: “[...] quatro páginas, sendo que três delas eram destinadas à Parte Oficial, como decretos; leis e notícias da corte e da província, restando apenas uma página para os anúncios e outros reclames. A partir do segundo número, [...] começa a ser publicado um romance-folhetim intitulado ‘Colomba’. A cada último exemplar do mês, a seção ‘Folhetim’ passou a abrigar a ‘Revista Mensal’, um típico folhetim-variedades. O Dezenove de Dezembro foi o único jornal da província durante 30 anos” (SOUZA; NISHIKAWA, 2003, P. 244) O cronograma da partida dos correios era veiculado na capa do periódico, desde a 1ª edição.

Fonte: Jornal *O Dezenove de Dezembro*. Edição nº 01. Abril de 1854.
Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=416398&pesq=>

Além dos correios serem o principal veículo de circulação dos jornais e revistas, eram também os responsáveis pela entrega de alguns “ingredientes” para as redações dos jornais e revistas, e porque não dizer da reflexão sobre números que estavam em circulação, a partir do recebimento de cartas dos leitores e de periódicos de outras regiões.

No final do século XIX, quando a malha ferroviária se expande e as funções sociais dos meios de comunicação começam a se modificar, Inicia-se a formatação do que posteriormente se transformaria na maior indústria cultural e política da modernidade: a imprensa. No que diz respeito a essa imprensa brasileira, Sodré (1966, p.7) afirma que “[...] nada mudou com a passagem do Império à Regência, ou do Império à República. Mudou muito, entretanto, quanto ao conteúdo, quanto ao papel desempenhado”. Michele e Armand Mattelart, no livro *História das teorias da comunicação*, (2001) retomam as considerações de Laswell e discorrem sobre as três as funções principais dos processos de comunicação:

a) vigilância do meio, revelando tudo o que poderia ameaçar ou afetar o sistema de valores de uma comunidade ou das partes que a compõem; b) estabelecimento de relações entre componentes da sociedade para produzir uma resposta ao meio; c) a transmissão da herança social. (MATTELART, A.; MATTELART, M., 2001, p. 41).

Essas características são intensificadas, no Brasil, nas produções do início do século XX. Ana Luiza Martins, na pesquisa *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras* (2003), acrescenta ainda um outro perfil da imprensa, quando esta atinge o status de grande empresa:

o caráter mercantil dos periódicos se acentuou, criados quase exclusivamente como “negócio” e fonte de lucros. Nesse propósito, veiculavam o que era rentável no momento, procurando “suprir a lacuna” do mercado, atender a expectativas e interesses de grupos, segmentando públicos, conformando-os aos modelos em voga; e, na maioria das vezes, a serviço da reprodução do sistema (MARTINS, 2003, p.61).

Seguindo a crescente evolução da indústria e difusão dos meios de comunicação no país, frutos dos avanços do ideário moderno, multiplicam-se no Paraná das primeiras décadas século XX, diversos tipos de publicações (folhetins, cartazes, jornais, revistas), destinadas ao público urbano.

Segundo Rosane Kaminski (2010), a expansão das revistas ilustradas que marcaram a Europa no século anterior, foram irradiadas para o Brasil, como parte do processo de interculturalização/globalização da modernidade e Curitiba também participou desse fenômeno, no início do século XX, foram editadas cerca de sessenta revistas na cidade, muitas delas ilustradas e de humor, dentre as quais figuram *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*.

O periódico *O Olho da Rua*, circulou na capital paranaense entre 1907 e 1911, com uma tiragem inicial de 2 mil exemplares, dobra já na segunda edição esse número. Tinha a proposta, conforme o próprio nome sugere, mostrar o olhar da/para a rua. De acordo com Aparecida Bahls (2010, p.02), o periódico buscou, “trabalhar questões que circulavam no espaço público, como a marginalidade, a corrupção, as contradições sociais” as mudanças no comportamento feminino, a divisão entre o público e o privado que determina os ambientes de homens e mulheres.

Desde a sua primeira edição, em abril de 1907, destinava um espaço às mulheres, uma sessão chamada “Bello Feminino (secção dedicada às Senhoras)”. Nesse mesmo ano, a coluna passa a ser chamada de “Sessão das Moças” e poucas edições depois, na de número 8, passa a ocupar uma página inteira da Revista, no que foi chamado “Álbum das Moças” e, posteriormente, “Página Feminina”. A sessão possui, na sua maioria, textos de autoria masculina. Contudo, é nesse pequeno espaço da imprensa que “as mulheres se infiltram e se apoderam dela” (PERROT, 2003), sendo, a partir desse espaço que surgiram os primeiros textos assinados por mulheres. Da leitura tímida, escondida, nas reservas do ambiente privado, à condição de escritoras. Entretanto, ressalta-se que isso ocorria sob o olhar vigilante e autorizado do homem. Uma conquista que permitiu à mulher projeções em direção apenas ao que é socialmente determinado, de acordo com os valores sociais da época, como lugar de boa mãe-esposa, em assuntos de culinária, o cuidado com a casa e com os filhos,

moda e beleza, manifestações literárias, sendo “a poesia um espaço de incidência e de revelação do interior feminino”, conforme afirma Wilma Bueno (2002, p.02).

Na representação do espaço urbano da belle époque, a partir do *art nouveau*, convida o leitor a olhar para fora, encontramos os caminhos dos parques, ruas, casarões, teatros da capital nas palavras do texto da revista, as vivências, sentimentos e experiências das relações sociais de Curitiba compõem esse quadro de confluências de imagens e palavras de uma cidade. Numa espécie de metalinguagem de si mesma a Revista assim se apresenta ao leitor:

O Olho da Rua

E' de velha uzança o classico dever de consagrar-se as primeiras linhas d'um organ que se funda ao expositivo dos fins a que elle se propõe, ao programma que lhe será norma atravez dos tempos.

Este programma, porem, nem sempre cumprido e muitas vezes modificado na successão dos dias de publicidade chega a termos de perder o mais remoto ar de familia, a parecença comsigo mesmo.

O OLHO DA RUA, por isso, não se define assim, com rutilancias de lantejoulas e malacachetas, fazendo solemnes promessas: Não queremos ficar sujeitos a voto algum, a rota alguma que norteie nossos actos.

Queremos voar, livres de peias, em busca de simples illusões, embora, mas que sejam ao menos suaves como uma alfombra onde possamos adormecer sonhando os nossos sonhos de futuro...

E O OLHO DA RUA estará sempre focalizado á grande luz benefica do Sól, sob cujo fulgor desabotoam as rosas da Alegria e os lyrios alvissimos do Amor!

Não estamos aqui para affirmar com a solemnidade grotesca do Conselheiro Accacio que: «E' sempre um erro, ao descer uma escada ingreme, não procurar o apoio do corrimão».

A novissima literatura de jornal, tal como a comprehendemos por agora, não deve ficar emparedada nos limites d'uma escola, e o estylo do moderno escriptor hade ser vivo e flammante, alguma cousa que seja assim como o *champagne* espumando em taças de crystal.

Longe vão os tempos em que os artigos de fundo, solemnes e graves como solos de bombardão, faziam pensar os augustos tecelões da Ideia. Hoje o jornalista precisa ter inegualaveis predicados, sentimentos tão finos, espirito tão subtil, *verve* tal que encante pela Arte e ao mesmo tempo deslumbre por uma *bontade* feliz.

Coalizando elementos que em seo conjuncto realisam esse typo forte de chronista jovial, d'Estheta implacavel e de caricaturista *à la diable*, ao mesmo tempo mundano e divino, O OLHO DA RUA pode com segurança iniciar sua carreira, certissimo de firmar uma epocha scintillante na historia de nossa literatura.

Não vimos combater moinhos de vento, nem acender bombas de escandalo.

Mas é certo tambem que não reputamos a loteria uma importante industria extractiva digna de protecção official, nem nos conformaremos com os votos de castidade do Clero Romano, emquanto forem detidas nas repartições aduaneiras castissimas Freiras conduzindo contrabando de artigos suspeitos.

E, assim, surge hoje á luz da publicidade O OLHO DA RUA, em terras Paranaenses, nestas plagas queridas onde o vento põe vozes ethereas no cimo do pinheiraes.

Figura 7 - O Olho da Rua

Fonte Revista *O Olho da Rua*. Edição 01. Abril de 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=240818&pesq=>

O *Paraná Moderno*, circulou semanalmente entre 1910 e 1911. Apresentava uma disposição gráfica um pouco diferente dos periódicos *O Olho da Rua* e *A Bomba*, era editado, de acordo com Rosane Kaminski (2010), “no formato de tablóide, com cerca de 8 páginas, em preto e branco e sem capa”. A revista veiculava uma série de assuntos ligados desde a construção da linha férrea que pretendia ligar o estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, questões relacionadas aos limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, comentários sobre a situação político-econômica paranaense, eleições, até assuntos de moda e beleza. Dizia-se operar como “defensora dos direitos e divulgadora das condições vitais do Estado”.



Figura 8 - Capa O Paraná Moderno.

Fonte: Revista *O Paraná Moderno*. Edição nº 07, janeiro de 1911.

Disponível em: <http://www.revistascuritiba.ufpr.br/ordemalfabetica.php#>

O periódico destinava um espaço da primeira página para fotografias ou ilustrações. Na seção “Galeria do Paraná Moderno” eram publicadas fotos de personalidades que faziam parte da elite curitibana, na grande maioria mulheres. Eram os periódicos os responsáveis por produzir a lista de celebridades paranaenses, de acordo com Needell (1993, p.106), a análise das revistas nos permite uma “melhor compreensão desses personagens, vinculados aos grupos que formavam o ‘alto mundo’”.

A partir da edição de número 50, desaparecem as ilustrações na primeira página, e o título passa a ser desenhado em letras ao estilo *art nouveau*. Diversos anúncios continham ilustrações, arabescos e margens. O periódico, também, reservava um espaço aos assuntos relacionados ao universo do público feminino, apresentando, na sessão *Nas regiões da moda*, assinada por Madame Charlote textos que falavam sobre tendências, história, modos de fazer e usar de alguns itens que estavam na moda.

A Revista *A Bomba*, circulou entre junho e dezembro de 1913. Trazia, como o efeito de suas publicações, efeitos de uma bomba, com o propósito de impactar, assustar, desorganizar, explodir e causar um incêndio, ou até mesmo de apagá-lo. Foi o periódico paranaense que mais deu enfoque às imagens dentre as revistas paranaenses. A imagem que já se fazia presente nos periódicos europeus e cariocas, desde a última década do século XIX, teve lugar de grande destaque nas 20 edições do periódico. Nesse sentido, Katia de Carvalho (1995), observa que “A reprodução técnica apontou para novas formas de percepção de um país moderno que se esboçava. O mundo-imagem, que se configurava a partir da técnica da fotografia, do cinematógrafo, [...] preconizava uma nova realidade no país a partir de sua capital”.

Para Marilda Queluz, (2011), “A Bomba/revista está presente no local, colocando-se ao lado do leitor para mostrar onde estão os focos de incêndios, as explosões”, assim, são inúmeras as leituras e definições para o termo bomba. Segundo a referida autora, as possibilidades do título do periódico vão “desde uma arma contra a política, uma bomba de S. João (considerando-se o período das festas juninas do lançamento da revista), uma 'bomba jornalística', até mesmo a bomba de incêndio, aparelho usado para lançar a água” (QUELUZ, 2011).

No periódico, são inúmeras as charges, desenhos e propagandas que retratam e ironizam a figura da mulher. Embora não destinasse de forma tão explícita um espaço destinado às publicações femininas, também constitui-se em um espaço para a divulgação de produções destinadas à mulher, num espaço que contava com a presença e com as considerações singulares e carregadas de ironia e humor do “Barão da Flor de Alface”, o qual apresenta no primeiro número da revista, através de um soneto “a bomba” que acabava de surgir:

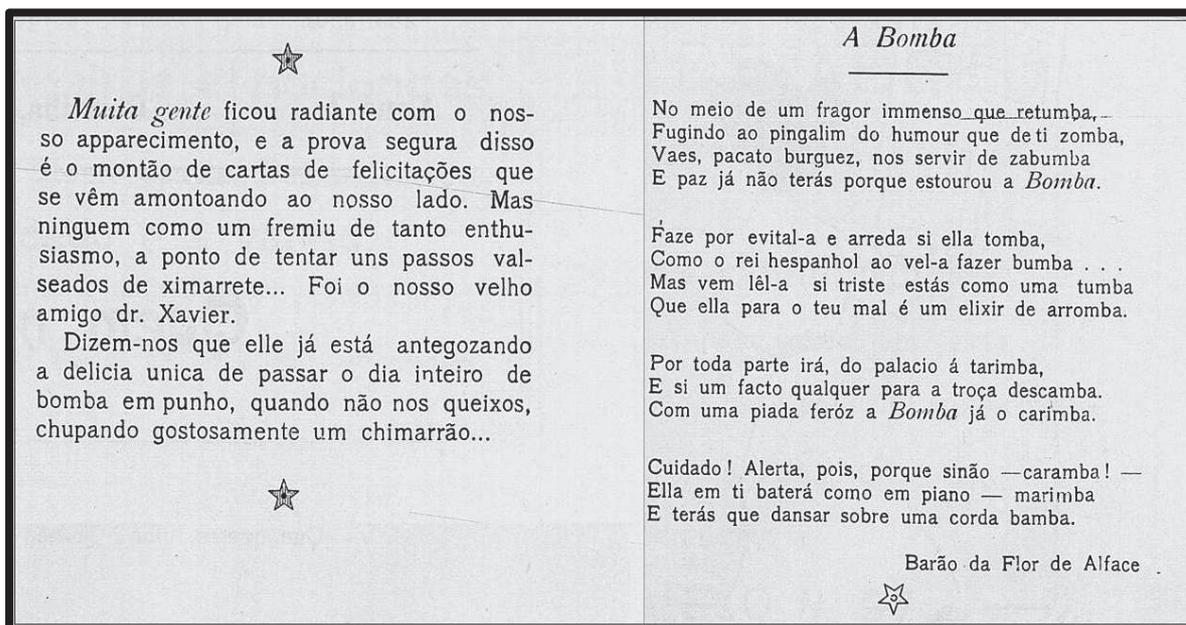


Figura 9 - A Bomba

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 01. Junho de 1913. Biblioteca Pública do Paraná.

3.1 Mulheres da cidade: a modernidade nas páginas dos periódicos *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*

A modernidade possibilitou, de forma gradativa e lenta, que o cenário urbano, e em especial o espaço dos periódicos, também fosse construído com a contribuição feminina. A “feminização” de alguns segmentos da imprensa, contribuiu, de certa forma, para alterações no formato e conteúdo de jornais e revistas. De acordo com Katia de Carvalho (1995):

A imprensa periódica feminina, difusora da informação de interesse da mulher, contribuiu para que se concretizasse a

modernização do parque gráfico brasileiro e possibilitou o aparecimento de publicações mais elaboradas, do ponto de vista gráfico. Promoveu, também, a veiculação da informação, contribuindo para a articulação de um sistema de informação cultural. (CARVALHO, 1995)

Segundo Buitoni (1990, p. 11), “Muitas pessoas costumam contrapor imprensa em geral e imprensa feminina, quase sempre valorizando a primeira”, outras afirmam que imprensa feminina não é jornalismo. Longe de resolver questões epistemológicas sobre o que pode ou não ser classificado como jornalismo, a teórica passa a empregar o conceito de imprensa feminina, por considera-lo “[...] mais abrangente, que engloba, entre suas manifestações, o jornalismo feminino, aquele que se fundamenta na notícia” (BUITONI, 1990, p.12) exercendo, concomitantemente, a função de jornalismo de serviço, pois trazem informações que têm uma ligação direta com a vida da leitora. A autora salienta, entretanto, que considerando a enorme penetração dessa imprensa feminina no mundo inteiro, “vale mais pensar em suas funções do que caracterizá-la como jornalística ou não”. (idem)

As funções dessa imprensa¹¹ estariam relacionadas à reflexão do que seriam os anseios femininos e à valorização dessa força motriz das famílias, transformando, de acordo com Buitoni (1990), os desejos das mulheres em mercadoria, conforme apregoa o sistema capitalista. Há de se considerar ainda que:

A imprensa para mulheres também já exerceu a função conscientizadora, função catártica, psicoterápica, pedagógica, de lazer. A imprensa em geral exerce funções do mesmo tipo; no entanto, geralmente não consegue mexer tanto com os sentimentos e a vida diária concreta das pessoas. A imprensa feminina é múltipla e por isso permite uma infinidade de abordagens. (BUITONI,1990, p.69)

¹¹ É importante evidenciarmos uma outra divisão entre imprensa feminina e imprensa feminista. Segundo Buitoni (1990, p. 16), a imprensa feminina é aquela escrita para o público feminino, já a feminista, embora seja voltada para o mesmo público, difere-se por se basear na defesa dos direitos das mulheres. Optamos na presente pesquisa somente pela primeira.

Lançando mão dessas características, as revistas passam a operar como importantes indicadores para muitas mulheres que, confinadas no ambiente da casa, passam a encontrar conceitos, padrões estéticos e comportamentais tidos como modernos, e a agir como sugerem as reportagens e anúncios. Sob esse ponto de vista, Buitoni afirma que “[...] a revista foi-se tornando, ao longo do tempo, o veículo por excelência da imprensa feminina, seja no aspecto de apresentação gráfica, seja nas correspondentes maneiras de estruturar seu conteúdo” (BUITONI, 1990, p.19).

Passando à ideia de intimidade, as revistas revestem-se de uma certa autoridade para falar sobre a vida e à conduta das leitoras, e assim, sugerir-lhes outras maneiras de agir, vestir-se e pensar. Nesse sentido Kaminski (2010), assevera que a imprensa age na conformação de padrões sociais, basicamente, a partir de dois sentidos:

Um vindo de “fora para dentro”, ou seja, as imagens e os conteúdos das revistas veiculavam e reforçavam esquemas de comportamento como a moda, os hábitos de lazer, trejeitos da fala, que caracterizavam a vida urbana naquele momento. O outro ia se constituindo a partir do contato visual com as revistas, gerando novos esquemas de gosto pela assimilação de novos traçados, estilos e sutilezas visuais advindos tanto do projeto gráfico quanto das inovações nas técnicas de reprodução de cores e imagens. (KAMINSKI, 2010, p.2)

As revistas *O Olho da Rua* e *O Paraná Moderno* são exemplos desses mecanismos, pois é possível afirmar que, no interior de cada revista, existe outro periódico “*Página Feminina*” e “*Nas regiões da moda*”, voltados a um público específico, com conteúdo e formato destinados exclusivamente às mulheres. As colunas e posteriormente as grandes matérias destinadas à moda, beleza, cuidado com o lar e com os filhos, a partir de imagens e textos, utilizados por esses periódicos, fizeram grande sucesso entre a parcela letrada da população paranaense, que formava o público leitor das revistas curitibanas, do início do século XX, ávida para “[...] se adequar à sofisticação urbana da belle époque” (NEEDELL, 1993, p. 155), e carente de materiais com informações sobre as tendências modernas.

Nessa gama de abordagens, o enfoque das revistas femininas, por sua vez, tem o propósito de deixar a mulher brasileira à altura da civilização e de seus progressos. Geralmente pensadas, escritas e editadas por homens, as revistas femininas fazem parte do cenário editorial brasileiro desde que este tipo de periódico aportou por aqui. Nesse sentido, Perrot assevera que:

[...] a primeira imprensa especializada é a de moda, que se inicia no século XVIII. Em sua maioria, são homens que escrevem, mas as mulheres se introduzem pouco a pouco. Por trás dessa fachada de algo banal, observa-se, na escolha e no tom, uma vontade de emancipação das mulheres pela educação e mesmo pelo saber e pelo trabalho. (PERROT, 2012, p. 33).

Inaugura-se, dessa forma, um novo jeito de pensar a mulher da cidade e sua participação na imprensa. Numa perspectiva ainda tradicional as revistas *O Olho da Rua* e *O Paraná Moderno*, voltam o olhar para o que a mulher quer falar e gostaria de ouvir, sem no entanto entrarem em terrenos tipicamente masculinos. Apresentam matérias, editoriais e propagandas sobre moda, a partir das considerações de mulheres, como estratégia para conquistar esse mercado em possível expansão. Nota-se, conforme observou Michele Perrot (2012), traços do que pode ser evidenciado como um desejo pela educação, informação, trabalho, enfim, pela “ocupação” da esfera que transcende os limites da casa, nos discursos veiculados nas revistas. No que seria o editorial da primeira edição do *Álbum das Moças*, (Figura 10) na Revista *O Olho da Rua*, Helia Layr, que é quem assina a coluna, mostra-se consciente sobre as tendências da moda lançadas em Paris, e que talvez não tenham grande aplicação no Brasil, por se tratar de outra realidade, sobretudo no que diz respeito às diferenças culturais e até mesmo do clima.

O BELLO FEMININO

(Secção dedicada ás Senhoras)

Convidada para escrever nesta secção O BELLO FEMININO, dedicada ás senhoras, sobre as ultimas novidades em modas de *toilettes* femininas, pondo-as assim ao par das inumeras transformações que soffrem de dia para dia as nossas vestimentas e não me sentindo com forças para tal incumbencia, recusei agradecida o convite. Mas as insistencias gentis dos moços que redigem esta revista me fizeram ceder do primeiro proposito e, eis-me aqui, com o dever de vos contar tudo que occorrer em relação ao nosso modo de vestir, lá por Paris, o *nosso espelho*, de onde nos vem as vezes cada palhaçada, mas como é Paris — é a MODA!

Não entrarei em grandes apreciações e detalhes sobre as nossas tão variaveis *toilettes*, para que não seja censurada por alguma senhorita que não esteja de accordo com o meu modo de pensar; todavia não deixarei de mostrar as boas e as más vantagens deste ou daquelle traje, mesmo a belleza e a fealdade, tão difficil de unidade de apreciação em nosso sexo, onde cada uma, perdoem-me, é uma critica severa.

Por hoje direi apenas que os ultimos figurinos trazem o escossez como a fazenda da moda para os vestidos de passeio.

As blusas são ainda de mangas curtas e quasi sempre com palas em aberto sobre a pelle. As saias não devem cobrir todo o pé e na maioria são guarnecidas de viézes da mesma fazenda. As luvas continuam a ser compridas e os cintos de tafetá escossez, linho de cor ou elastico de seda, com fivelas altas. Os chapéus são de varias formas, muito enfeitados de plumas, flores, etc. Collocados na cabeça devem ser levantados atraz ou do lado de forma que deixem ver a copa. Os véos salpicados são imprescendiveis. Os colletes são os direitos na frente e os sapatos, botinhas á Luiz XV, jardas.

No proximo numero trataremos dos trajes de outono.

HELIA LAYR.

Figura 10 - O Bello feminino

Fonte: Revista *O Olho da Rua*. Edição nº 01. Abril de 1907. Biblioteca Pública do Paraná.

A educação no Brasil, desde suas primeiras manifestações esteve ligada à ideia de seleção, restrição ao acesso, exclusividade no público, privilegiando, na maioria das vezes, aqueles que se encontravam em patamares mais elitizados da sociedade. Nesse sentido, Needell (1993) afirma que, nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, em geral:

[...] apenas as famílias de posses e posição tinham acesso à educação secundária no segundo reinado e na república velha (1889-1930). Com o passar do tempo, um número crescente de filhos de negociantes, burocratas do escalão inferior e profissionais liberais conseguiram acesso aos colégios. (NEEDELL, 1993, p. 74).

No que tange à educação voltada às meninas de famílias mais abastadas, de acordo com Needell (1993, p. 75) pouco foi alterado, “[...] a situação permaneceu desanimadora durante a maior parte do século [XIX]. Nas primeiras décadas, pouca importância se dava à sua instrução”. Esse quadro começa a se modificar a partir do momento em que as moças passaram a receber ensinamentos em casa, ministrados por pais ou professores particulares. Nesse período, Needell afirma que

Poucas frequentavam as aulas para pequenos grupos, organizadas por estrangeiros, ou se matriculavam nos colégios de freiras extremamente seletivos que aos poucos se firmaram. Outras seguiam com os pais para a Europa, onde eram educadas em escolas de conventos franceses (NEEDELL, 1993, p. 75)

As escolas tradicionais no Rio de Janeiro, inspiradas nos centros de educação franceses, também recebiam filhas de grandes proprietários de terras paranaenses. O propósito na educação de meninas era, sobretudo, torná-las educadas ou o que Needell (idem) chamou de “europeizadas”, e conferir-lhes uma série de refinamentos os quais poderiam garantir um bom casamento. Para Patricia Schettino (2012, p. 61) “As filhas da burguesia aprendiam as artes para se tornarem atraentes nos salões da sociedade, onde deveriam conquistar um bom marido”. Não havia incentivo para que as jovens da burguesia buscassem um curso superior, o ensino secundário feminino “não tinha como objetivo

preparar as alunas para o exame de bacharelado, única forma de ingressar na universidade” (idem), mas sim formar boas mães e esposas. Dispensava-se assim a necessidade de aprender latim ou ciência, elas recebiam, de acordo com Schettino (2012, p.61) “um conhecimento geral em cultura e artes, música e desenho, além de uma formação teórica e prática em economia doméstica, que versava sobre assuntos de cozinha, higiene e puericultura”.

Aos rapazes da elite, entretanto, havia uma grande preocupação em garantir-lhes “formação intelectual básica necessária para um burocrata ou um político [...] o colégio fornecia também a cultura humanística exigida de um cavalheiro europeu.” (NEEDELL, 1993, p. 76), preparando-os para o bacharelado.

Seja, no seu percurso histórico, atendendo aos anseios da igreja, da nobreza ou da burguesia, verifica-se na aplicação de políticas públicas, voltadas para educação, um caráter excludente, sobretudo em relação ao gênero. Dirigida para poucos, com o propósito de fornecer privilégios a uma elite masculina e dominante, o panorama moderno que se formava no Paraná, marcado por alterações no espaço urbano, crescimento e expansão da imprensa, inovações tecnológicas que modificaram os hábitos e comportamentos sociais, dentre outros fatores, se efetivam quando a modernidade, na sua contemplação pelo conhecimento técnico-científico, valoriza a necessidade da educação dos corpos e indivíduos.

Para tanto, atribuiu-se à escola a função de “estancar a degeneração nacional”, conforme afirmam Liliana Laroccal e Vera Regina (2010). A educação pode ser considerada como mais uma porta que se abre para uma possível emancipação da mulher, uma vez que, passou-se, nesse período, a formar professoras e normalistas. No Paraná, destacam-se a criação de uma série de escolas públicas e particulares na capital e o aumento significativo no número de alunos matriculados, principalmente após a concessão de subsídios fornecidos pelo governo para escolas, dentre as quais figuram o Collegio Santos Dumont, fundado em 1906, pela escritora portuguesa erradicada no Brasil, Mariana Coelho.

Mariana Coelho atuou como diretora da instituição e adotava, segundo aponta o estudo *Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho* (2004), de Rosana Cassia Kamita:

[...] modernos métodos de ensino, sendo pioneira no Paraná ao empregar o método João de Deus de alfabetização. [...] O método escolhido por Mariana Coelho é bastante coerente com as idéias que a escritora defendia. Em seu colégio ela procurava colocar em prática aquilo que julgava ser o melhor. Interessa sobretudo destacar seu empenho em transcender o campo teórico e colocar em prática atitudes nas quais acreditava. Quando havia anos de tradição em relação a um método de ensino, ela preferiu uma tendência pedagógica moderna, que não estivesse ancorada na tradição de práticas conservadoras (KAMITA, 2004, p.14).

O mesmo ocorre quando começaram a ser difundidos no Brasil os conceitos ligados ao Evolucionismo e Positivismo. Essas estratégias refletiam o espírito empreendedor e dinâmico da educadora, a qual passou a utilizar-se da revista *O Paraná Moderno*, para publicidade do Colégio Santos Dumont (Figura 11), o qual, apresentava no anúncio publicitário, no rol de docentes, 5 mulheres do total de 8 professores. Ela acreditava, de acordo com Kamita (2004, p. 189) “que a evolução da sociedade poderia afiançar à mulher a emancipação que lhe garantiria autonomia e participação efetiva no meio ao qual pertencia”.

As contribuições mais marcantes da escritora Mariana Coelho para a história paranaense estão ligadas à luta pela emancipação feminina. De acordo com Teixeira (2008, p. 62): “A autora se propôs a fazer, e fez, uma coletânea de informações sobre fatos, dados científicos e pessoas que, de alguma forma, [...] puderam subsidiar a defesa da tese feminista, da igualdade intelectual e de direitos entre homens e mulheres”.

Collegio Santos Dumont
Praça Carlos Gomes n. 5

Este Estabelecimento de instrução e educação, fundado em 1902, foi premiado com medalhas de ouro e de prata, na Exposição Nacional da Capital Federal, em 1908.

Reabriu as suas aulas no dia 7 do corrente mez de Janeiro, continuando a habilitar alumnos á matricula na Escola Normal.

Neste estabelecimento são adoptados os mais adeantados methodos pedagogicos; n'elle se ensina a ler e escrever pelo racional methodo de João de Deus, e n'elle teem os alumnos preceitos de moral e hygiene, exercicios de gymnastica infantil, licções de coisas, prendas domesticas, etc., recebendo, portanto, educação intellectual, physica, moral e esthetica.

Os cursos primario e intermediario são dirigidos pela profesora D. Hercilia Xavier e pela profesora normalista D. Rosa Rigotti.

A aula de portuguez e os cursos primario e intermediario de francez theorico e pratico, são dirigidos pela directora; o curso superior de francez theorico e de conversação, é dirigido pela conhecida profesora parisiense — Madmoiselle Henriette Brand.

As restantes materias do curso complementar que dão direito á matricula na Escola Normal, pelo professor normalista Julio T. Guimarães.

As aulas de pintura e desenho superior, pela directora da Escola de Bellas Artes, D. Maria Aguiar Lima.

As de musica, pelos professores Raul Menssing e João Ricciardella.

As de desenho primario e intermediario e trabalhos de agulha, pela directora e D. Aurea Jouve.

Este collegio incumbe-se tambem de preparar alumnos para exames das diversas series dos cursos da Escola Normal, para o que dispõe de professores de reconhecida competencia.

Os interessados podem procurar n'este collegio os respectivos esclarecimentos.

A directora — MARIANNA COELHO

Figura 11 - Collegio Santos Dumont.

Fonte: Revista *O Paraná Moderno*. Edição nº 07. Janeiro de 1911. Biblioteca Pública do Paraná.

No que tange, ainda, à educação paranaense, é fundada em 1912 a Universidade do Paraná¹². A instituição passa a receber, desde os primeiros anos de seu funcionamento, mulheres que buscavam formação nas mais diversas áreas e ingressam no mercado de trabalho, antes dominado pelo homem.

A imprensa, nesse movimento, não apenas registra os acontecimentos e desenvolvimento do estado, mas abriu também espaço para as novas configurações sociais que a mulher passa a integrar. Na capital, noticiam-se as conquistas de Isaura Sidney, primeira mulher a se formar em Direito na turma de 1917. Maria Falce, pela conclusão do curso de Medicina em 1919, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, a qual assumiu a cadeira de Química Orgânica e Biologia por mais de 40 anos. Nesse sentido, são enaltecidas as figuras da professora e normalista, sendo consideradas até mesmo como um bom atributo para se conseguir contrair núpcias, conforme apregoa o texto *Receita para arranjar noivo* (Figura 16).

O espaço da cidade moderna é “preenchido” com a figura feminina, não apenas no âmbito educacional, mas nos locais de lazer da elite curitibana, salões, teatros, parques e até mesmo na utilização das invenções revolucionárias da modernidade: o automóvel (Figura 12):

¹² A federalização da universidade só veio ocorrer em 1950, quando passa a ser chamada de Universidade Federal do Paraná.



Figura 12 - O Medo

Fonte: Revista *O Olho da Rua*. Edição nº 01. Abril de 1907. Biblioteca Pública do Paraná

As mulheres, nesse sentido, passam a ser protagonistas do cenário e da cena moderna.

Além da administração doméstica, as mulheres eram as estrelas no palco da alta da sociedade. Pois a exibição de roupas e jóias, o comportamento no salão e nos chás, e a graça que conferiam às recepções semanais serviam como indicadores confiáveis do status familiar. Todas as atividades da alta sociedade requeriam necessariamente a presença das mulheres (NEEDELL, 1993, p.59)

Seja como indivíduo, assumindo a direção dos próprios atos, seja como objeto, de acordo com Perrot, (2003, p.14) a mulher apenas como uma figura “exprime por sua aparência (o modo de se vestir, de se enfeitar) a fortuna do marido, de quem ela é uma espécie de cabide”. A charge intitulada “o medo” (figura 12), representa uma imagem cristalizada na memória coletiva do Paraná do início do século e que é constantemente reconvocada, sobretudo com relação à máxima popular de que “mulher ao volante o perigo é constante”. Essa memória é reforçada não apenas pelo título, mas pelo discurso do marido, e pela expressão: “quem tem medo é a gente que ella encontra pelo caminho”.

O registro da presença da mulher nas atividades da elite é representado pela revista *O Olho da Rua* (Figura 13), com um tom de ironia e humor que lhe são peculiares. Mas, mais do que isso, criticam a função da mulher nesses espaços. Enquanto os homens estão para apreciar a arte, elas estão para exhibir roupas e acessórios, no que chamaram na ilustração de “jardim monstruoso”.



Figura 13 - Capa revista *O Olho da Rua*.

Fonte: Revista *O Olho da Rua*. Edição nº 07. Julho de 1907. Biblioteca Pública do Paraná.

A vida pública e privada da elite paranaense contava, desde a segunda metade do século XIX, com o *Theatro São Theodoro*, que após a reinauguração, em 1900, recebeu o nome de *Theatro Guayra*, e passa a ser um dos locais destinados ao lazer e a vida cultural das famílias curitibanas de classe média e alta. Esse aspecto da vida burguesa, representado na capa da revista *O Olho da Rua* (figura 13), que integra na cena social a figura da mulher, faz emergirem memórias de espaços nos quais a mulher só é aceita desde que seja autorizada e acompanhada pela figura masculina. Nesse sentido, Perrot (2003, p.14) retoma o discurso de Pitágoras ao referir a mulher desacompanhada da figura do pai ou marido nos termos: "Uma mulher em público sempre está deslocada". Na imagem, a mulher está sentada sozinha numa das fileiras da plateia do teatro. Embora, nesse período, as mulheres curitibanas fossem autorizadas para isso, o estranhamento dos outros espectadores não está apenas no chapéu, mas, do mesmo modo, por se tratar de uma mulher desacompanhada e na plateia.

Os camarotes de teatros ou óperas eram tidos, de acordo com Michelle Perrot (2001), como locais privados, prolongamentos dos salões, espaços apropriado para as mulheres assistirem sozinhas à espetáculos, conforme dispunham os manuais de comportamento que ainda eram vigentes:

Segundo os códigos oitocentistas, uma dama pode assistir sozinha a um espetáculo, sob a condição de que ocupe um lugar num camarote. Se ocupar uma poltrona do balcão ou da plateia, deverá estar acompanhada por um homem, marido, irmão ou parente. São espaços abertos, expostos, onde ela precisa de um guardião, sob pena de recair sobre si a suspeita de ser uma mulher 'pública', tal como onde que se encontra. O camarote, por seu lado, é um mundo fechado e protegido, o lar reconstituído no teatro. (PERROT, 2001, p.208)

Isso se ratifica, ainda mais, no diálogo dos homens ao afirmarem que a plateia pode ser comparada ao inferno, enquanto que o camarote seria o céu, embora, um tanto quanto, lotado.

As representações discursivizadas na capa da revista, podem ser entendidas, a partir da análise das estruturas sociais e comportamentos coletivos que as mantêm. Uma vez que, conforme afirma Kellner (2001, p.39), "Situar os textos culturais em seu contexto social implica traçar as articulações pelas quais

as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos”. Os periódicos registram e influenciam as mudanças de hábitos da população curitibana, os espaços de circulação, a preocupação com a moda e lazer, a busca em frequentar lugares elitizados da sociedade.

É o mundo da representação que gera as práticas sociais, as representações são forjadas em meio às práticas. Para Chartier (1990, p.10) o termo representação pode ser entendido como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. As práticas sociais de representação vigentes no Paraná das primeiras décadas do século XX, são sedimentadas nas páginas dos periódicos.

A mídia impressa enquanto espaço e instrumento de produção cultural, tem-se a tentativa de fazer presente um ausente, uma representação do modelo francês, ratificado nas palavras da editora da sessão, como referencial para as mulheres curitibanas, mesmo absurdo como no caso do chapéu da espectadora na plateia do Guayra, mas “justificado” por tratar-se da capital da moda e cultura

3.2 Mulher e Mãe: entre o público e o privado

As raízes e rupturas dos hábitos, costumes, ideologias e valores construídos por uma sociedade, são reorganizados nos discursos científicos, políticos e culturais que determinam as representações veiculadas pela imprensa. As revistas, nesse sentido, vão buscar nessas diferentes instâncias da vida social, formas de representar e estabelecer uma visão totalizadora do modelo moderno que as mulheres devem seguir, por exemplo. Segundo Sandra Pesavento, de maneira geral:

[...] todas as sociedades, ao longo de sua história, produziram representações globais: a partir da elaboração de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade, estabelecem suas divisões, legitimam seu poder e concebem

modelos para a conduta de seus membros. Seriam, pois, representações coletivas da realidade, e não reflexos da mesma a representação do mundo social com o próprio mundo social (PESAVENTO, 1995, p. 2)

Nesse sentido, entendemos que as memórias, modos de ver e pensar o mundo, os contornos do cotidiano que permeiam e fundamentam textos e imagens presentes nas revistas *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*, não correspondem a um retrato do real, mas sim a uma forma de representação do que existe como verdadeiro e que servem de modelo para o público leitor dos periódicos. Para tanto, os textos *Como se devem vestir as meninas* (Figuras 14), está imbuído de um discurso verdadeiro e representa um modelo a ser seguido por mulheres-mães curitibanas.

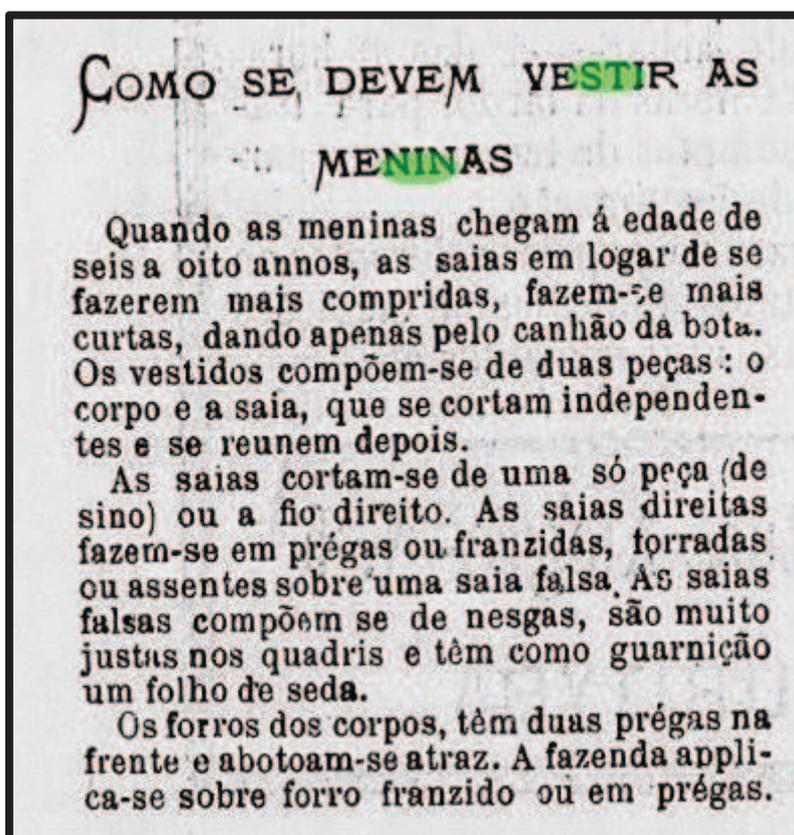


Figura 14 - Como se devem vestir as meninas.

Fonte: Revista *O Olho da Rua*. Edição nº 38. Outubro de 1908. Biblioteca Pública do Paraná.

O acolhimento em seguir essas orientações, carregadas por ideais de dominação e controle (religioso, filosófico e social), remetem aos manuais de conduta, que circulavam desde a segunda metade do século XIX, nos países

européus, que se estendem nas primeiras décadas do século XX e para outros países. Para Michelle Perrot (1991, p. 200), esses manuais, herdeiros dos de “economia doméstica” que circulavam nos séculos anteriores, insistem, de maneira direta sobre “[...] a racionalidade econômica do papel da mulher num espaço privado sob sua administração” e explicam os “ritos que balizam o tempo e os papéis a serem assumidos pelos membros da família” (idem).

As publicações pedagógicas das revistas paranaenses, vinham, de certa forma, ao encontro dos anseios da mulher curitibana, possibilitavam o acesso às informações sobre os assuntos relacionados à moda, demonstrando as tendências de roupas, calçados e formas de arrumar o cabelo, o que pode ser verificado no texto *O penteado moderno*, (Figura15).



Figura 15 - O Penteado Moderno
Revista *O Paraná Moderno*. Edição nº 04. Dezembro de 1910. Biblioteca Pública do Paraná.

A moda pode ser vista como uma “[...] consequência da expressão e da tentativa de realizar aspirações sociais” (NEEDELL, 1993, p. 196), utilizando-se da exibição de produtos ou comportamentos para mulheres, homens e crianças. As descrições e orientações do texto *Como se devem vestir as meninas*, são muito semelhantes as roupas usadas por mulheres adultas, mudando apenas o comprimento das saias. O que reflete, de certa forma, uma vontade de modernidade pela qual o país se estava vivendo, e que atingia a todos. Nesse sentido podemos afirmar que o propósito era fazer com que a criança “[...] se tornasse ‘semelhante a um modelo de civilidade’. [...] compulsoriamente enquadrada num mundo de adultos enrijecidos” (BOLLE, 2000, p. 346).

Nesse sentido, e seguindo essa linha de manuais às mulheres, Needell (1993), ressalta a contribuição para a belle époque brasileira, da escritora Julia Lopes de Almeida, a partir da obra, reedita várias vezes, “livro das noivas”, no qual, deixava claro seu posicionamento sobre o lugar da mulher na sociedade moderna, segundo Needell, “[...] dona Julia insiste, repetidamente, na importância capital de ser mãe e dona de casa organizada”. (NEEDELL, 1993, p. 164). Contudo é importante ressaltar, de acordo com o teórico ao retomar as considerações da escritora, que a mulher tenha uma profissão:

[...] dona julia recomenda que tenham uma profissão como seguro útil, caso o marido ou o pai morram [...] vê a melhoria na educação da educação das mulheres principalmente como meio de aprimorar a instrução dos filhos. Dona Julia condena o fato de se levar mais a sério a aprovação da alta sociedade que a do marido, e de se valorizar mais as jóias, a moda e os flertes. (NEEDELL, 1993, p. 164)

Assim como sugere a frase “[...] e ser antes de tudo normalista...”, em *Receita para arranjar noivo*. (Figura 16),

Receita para arranjar noivo

Para noivo arranjar, mesmo até as velhas,
Devem as moças proceder assim:
Avivar de seus olhos as scentelhas
E dar á voz uns sons de bandolim . . .

Deixar as boccas mais do que vermelhas,
Trazer nas faces rosas de carmim,
E de preto pintar as sobranceiras
Com auxilio do carvão ou do nankim . . .

O collete apertar sem soltar queixas,
Comprar lindos sorrisos a um dentista
E trazer sempre crespas as madeixas . . .

Pós de arroz a granel, que dê na vista,
Espalhar no pescoço, nas bochechas,
E ser antes de tudo normalista . . .

Barão da Flor de Alface.

Figura 16 – Receita para arranjar noivo.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 10, setembro de 1913.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq=>

O texto apresentado sob a forma de um soneto mostra um modelo de “pedagogia cultural”. De acordo com Teixeira, (2011, p. 3) “À toda forma de educação que tem ficado a cargo de práticas culturais ou instituições que não a escola, no domínio dos estudos culturais dá-se o nome de pedagogias culturais”. Essa concepção permite considerar como educativo diversas ferramentas de comunicação e interlocução, e são considerados educativos, porque:

Ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir, porque tais artefatos culturais, ao colocarem em circulação

determinadas representações constituem-se como materiais a partir dos quais as pessoas vão construindo suas identidades de classe, gênero, de sexualidade, de etnia. São nada menos que pedagogias capazes de operar pela sedução e de educar modos de comportamento. (TEIXEIRA, 2011, p. 4)

A imprensa, a partir dos discursos que se utiliza para representar a realidade, constitui uma forma clara para orientação e sugestão de modos de comportamento a serem seguidos. Segundo Pesavento, “Ela vende um pedaço do real manipulado e tendencialmente sedutor, por que há um público a captar” (1999, p. 33). Nesse sentido a imprensa reforça a função de necessidade da mulher para a manutenção da família, no cuidado com a casa, os filhos e o marido, orientações aos empregados e ratifica as atribuições do papel destinado a mulher, conforme preconizavam os manuais descritos por Perrot, no que concerne a preocupação com o vestir, alimentar, educar, do universo da casa.

O papel principal cabe à senhora do lar, encarregada de fazer funcionar a vida privada tanto na intimidade da familiar – cerimônias cotidianas das refeições e serões junto à lareira – quanto nas relações da família com o mundo exterior – organização da sociabilidade, visitas, recepções. Ela deve reger o curso das tarefas domésticas de maneira que todos, e o marido em primeiro lugar, encontrem em casa o máximo de bem estar. (PERROT, 1991, p.201).

As atividades do cuidar são inerentes à figura feminina e quando comparadas às ações masculinas são consideradas secundárias e dependentes. O espaço da casa, para a vida privada do homem, estava relacionado, de acordo com Perrot (1991, p. 201), com lugar de refúgio, “[...] onde os homens descansam do cansaço do trabalho e do mundo exterior”, e a mulher deveria “[...] fazer de tudo para dar harmonia a esse refúgio” (idem). Para Needell (1993), esperava-se que elas permanecessem fora dos espaços da vida pública, da política, das importantes decisões, do poder, e cumpram, nos espaços limitados por sua natureza, o cuidado com a casa, os filhos, podemos acrescentar ainda o cuidado com ela própria. Em sumas essas ações estariam relacionadas a assuntos cheios de detalhes do âmbito privado, verificando como estão “as provisões de alimento,

lenha ou carvão; ela verifica a roupa suja levada pela lavanderia e a roupa limpa trazida na semana seguinte” (PERROT, p. 201), ou as tendências da moda, sobre como arrumar os cabelos e modelos para o vestuário adequado, conforme orientavam os textos *Como se devem vestir as meninas* (Figura 14) e *O Penteado Moderno* (figura 15), mas todos de menor complexidade.

O papel da mulher na sociedade da elite, embora onipresente, no que Needell chamou de “alto mundo”, também indica a subordinação, uma vez que elas sempre desempenham a função de coadjuvantes. Contudo, de acordo com o teórico (1993, p.159) “[...] a subordinação a pais e maridos não significava falta de importância. Dentro de um patriarcado tradicional, a posição da mulher era ao mesmo tempo dependente e central”.

A viuvez era, para algumas mulheres do campo, a libertação de muitas amarras, e como preconizavam a leis, a mulher se tornaria chefe da sociedade conjugal na ausência dos maridos, e dessa forma negociavam colheitas, animais, mesmo acompanhadas de uma figura masculina como os capatazes das fazendas, articulavam no espaço tipicamente masculino sem deixar de lado, os compromissos religiosos e beneméritos, o cuidado com a casa e com os filhos. Nos centros urbanos as mulheres da elite já vivenciavam o comando dos grandes casarões, exímias anfitriãs de festas e hóspedes, coordenavam a arrumação da casa, das roupas da família, do cardápio, da conservação de alimentos, de acordo com Habner (2012, p. 47) “Elas supervisionavam pessoalmente a produção de roupas, alimentos, utensílios domésticos, sabão, velas, e bebida alcóolica, enfim as necessidades de um lar bastante autossuficiente nesse aspecto”.

O espaço da mulher era limitado ao universo doméstico. Mesmo as mulheres da elite que frequentavam salões, cafés, bailes, não podiam colocar os pés no mundo da política, espaço tipicamente masculino. Embora, conforme afirma Habner (2012, p. 48), algumas mulheres certamente exerceram, por debaixo dos panos influência sobre os homens que ocupavam cargos de relevo na esfera pública.

Na visão de Philipp Aries (1981), acerca do percurso histórico da organização da familiar, cada indivíduo possui um determinado papel, com funções específicas determinadas por momentos político-sociais. Na estrutura utilizada nas primeiras décadas do século XX, mantem-se para o homem a função

do sustento da família, o trabalho fora de casa, e a mulher o cuidado da família e o trabalho doméstico. Contudo, há uma certa valorização da mulher que agora é envolta por laços de afetividade.

A igreja católica, por sua vez, também reforçava essas divisões; para a Instituição, a mulher devia manter uma postura próxima a da Virgem Maria, mantendo-se santas, puras, castas, suportando em silêncio o sofrimento e a dor. Fortalecendo a ideia de que a atuação das mulheres deveriam ser restritas à esfera privada. De acordo com Habner, ao desestimular a participação das mulheres no mundo da política e do trabalho fora de casa, os religiosos reforçavam a hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina. Entretanto, conforme afirma a teórica:

[...] ao mesmo tempo em que promovia um modelo de sacrifício pessoal e resignação a ser adotado pelas mulheres, a instituição religiosa podia fornecer-lhes um espaço de atuação para além das paredes da casa. Afinal, as igrejas não eram somente um local para onde as “mulheres respeitáveis” podiam se dirigir para assistir a missas e decorar o altar. (HABNER, 2012, p. 47).

Ao destinar e apoiar o trabalho filantrópico de mulheres, no seio da instituição religiosa, abrem-se portas para que a função do cuidar, restrita ao ambiente privado, passa-se para uma atuação além dos limites domésticos, o que propiciou a abertura de locais como orfanatos, escolas para meninas, enfermarias, levando-as a desempenharem funções de professoras, enfermeiras, cuidadoras, sem afrontar os ideais conservadores da época. (HABNER, 2012).

No trabalho fora de casa, inserem-se como opção necessária às mulheres de classes menos favorecidas e de grande interesse para o mercado industrial em expansão; para a classe burguesa funciona como uma alternativa de status e visibilidade, para além dos afazeres domésticos. A mulher da elite que contava com número suficiente de empregados tinha tempo para se dedicar, de acordo com Perrot:

[...] no fim da manhã a atividades pessoais: correspondência, piano, trabalhos finos. De fato, uma mulher respeitável não sai de manhã. Se é vista na rua, a educação manda que não a cumprimentem. Supõe-se que esteja procedendo a atividades filantrópicas ou religiosas, sobre as quais ela prefere guardar silêncio. (PERROT, p. 202).

O novo panorama da vida familiar que tentava ser implantado pelos grupos dominantes seguindo o modelo europeu, considerado mais “civilizado”, permitiu que as mulheres se dedicassem a outras atividades relacionadas à filantropia e lazer, além dos limites da casa, mas esses efeitos não atingiram todas as camadas sociais, uma vez que isso só se deteve a classes mais abastadas. De acordo com Ana Scott, (2012, p. 18) esperava-se, que as classes populares fornecessem mão de obra adequada e disciplinada; e que o papel das mulheres menos abastadas era o de formar o trabalhador ideal.

Needell (1993, p. 164) assevera que “Em 1910, já era possível para as mulheres caminharem sozinhas enquanto iam às compras no centro (desde que elas não olhassem nem falassem com homens, conhecidos ou não)” Contudo, conforme afirma o teórico, é importante não confundir:

a maior mundanidade da mulher da belle époque com liberação. Um papel mais ativo e uma experiência mais abrangente não constitui liberdade – as mulheres eram mais experientes, refinadas e educadas como uma reação adequada, e como instrumentos, às necessidades e ambições dos homens dos novos tempos. (NEEDELL, 1993, p.164)

Embora os ideais propostos para as mulheres da elite representasse mais uma tentativa de dominação e controle masculina, elas conseguem se esvair pelas frestas que sempre existiram e assumem papéis importantes na organização da tessitura social e manipulam encontros, acordos e casamentos entre famílias que formavam a elite da época. Nas charges que seguem (Figuras 17 e 18), a figura da mãe se faz presente pelas falas das filhas, faz-se presente essa nova função da “mulher de bem”.



Figura 17 - Bem acompanhada.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 1. Junho de 1913.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq=>



Figura 18 - Os milagres do automovel

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 06. Julho de 1913. Biblioteca Pública do Paraná.

Para June Habner, as mães (2012, p. 56) “De maneira eficiente passaram a manipular apadrinhamentos, e a trocar favores, pequenos e grandes, que garantiram em termos vantajosos a vigência das relações de parentesco”. A classe burguesa da capital, continuou a promover e defender seus próprios interesses, contribuindo para a manutenção do que Needell (1993, p. 164) chamou de “sentimento de continuidade aristocrática”. Os locais informais de encontro da elite, como parques, teatros, bailes, propiciavam um ambiente perfeito para que as mulheres casadas, sobretudo as que tinham filhos, pudessem desempenhar a nova função de conservação e prosperidade entre as famílias ricas e burguesas, na “organização” contatos e formação de alianças, reforçando, assim, de acordo com Needell (idem) “valores e pressupostos compartilhados e, mais importantes talvez, promovendo um sentimento de legitimação – tudo isso em meio a metamorfoses econômicas, sociais e políticas” (NEEDELL, 1993, p.42)

Essa tarefa, desempenhada de maneira elegante e sutil, conforme afirma Habner (2012), foi determinante para a formação de alianças matrimoniais, as quais proporcionavam um ambiente político e econômico seguro e favorável, bem como uma garantia da posição social das famílias. Para Needell (1993, p. 152):

o casamento era apenas a projeção inicial, na sociedade, do status específico do casal. A maneira como ele se comportava em público, o modo como recebia e entretinha seus convidados, e a posição que ocupava nos círculos familiares e íntimos tornavam-se desde logo questões importantes, caso o casal desejasse manter e ampliar o status social explícito em sua união. Nesse momento, entravam em cena as práticas que confirmavam uma socialização adequada.

A “mulher de bem”, casada ou solteira, embora circule pelas ruas, como é o caso das moças retratadas nas charges, só o fazem por conta de obrigações religiosas, compromissos sociais voltados à caridade e atividades culturais. Ana Scott afirma que:

Fora da vida doméstica, poucas eram as alternativas para as mocinhas. A educação diferenciada para meninos e meninas

continuou a ser estimulada, proporcionando a elas menores possibilidades no mercado de trabalho e de ascensão social fora da família e do casamento. [...] As mulheres tinham um espaço de realização muito restrito, definido pelos papéis que “a natureza” lhes havia determinado e pela moral imperante na época. Todo e qualquer desvio de comportamento poderia gerar críticas, desqualificação e, até mesmo, marginalização social. (SCOTT, 2012, p. 39).

A Filha obediente acumula inúmeras qualidades que não comprometem ou colocam em risco essa reputação de boa moça, mas acima de tudo que não “manchem” o nome da família. As mulheres eram vigiadas de perto para que não houvesse uma exposição pública maior que a do homem, o qual era detentor do direito de falar em público. As revistas, nesse sentido, contribuem, atuando como meio regulador, determinando o que pode ameaçar a imagem de uma boa moça, assim como descrevem o comportamento adequado que devem ter para se manterem na definição de “mulher ideal” que os ideais do novo século preconizavam. O que certamente dava mais trabalho aos pais, sobretudo às mães, para educarem uma filha. De acordo com Carla Pinsky (2012), garotas precisavam ser educadas para cumprir as funções de sua “natureza”, esperava-se ainda:

Que fossem pudicas e prendadas, mais do que verdadeiramente instruídas, ainda que as novas necessidades da nação e do mercado de trabalho as levassem aos bancos escolares. Moças letradas e cultas podem ser donas de casa mais eficientes, companheiras valorizadas e um trunfo para suas famílias, desde que não queiram competir com os homens ou trocar de posição com eles. Mães com alguma instrução podem cuidar melhor dos filhos. Solteiras qualificadas podem ser professoras, secretárias, balconistas, ganhando honestamente seu sustento ou contribuindo com o orçamento familiar. (PINSKY, 2012, p.472).

Há no investimento dessa educação e instrução o interesse em que as mulheres possam elevar o nome da família. Esperava-se nos eventos que as mulheres ricas e burguesas, demonstrassem certas habilidades sociais “como

entreter convidados, demonstrar maneiras refinadas, falar línguas, exibir jóias e vestidos elaborados, decotados, cheios de laçarotes e babados” (HABNER, 2012, p. 55).

Faz-se necessário refletirmos sobre os espaços sociais das “mulheres de família” e o seu oposto “mulheres da vida”. Diferente da vida no campo em que as esposas tinham que conviver com as escravas que se deitavam com os maridos, no espaço criado pela civilidade da cidade, essas situações não são mais permitidas, o que é representado na charge que leva o título *As nossas creadas* (figura 19):



Figura 19 - As nossas creadas

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 9. Agosto de 1913.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pasta=ano%20191&pesq>

A modernidade trouxe avanços na indústria, nas organizações sociais, mas também contribuiu significativamente para aspectos relacionados aos hábitos de

higiene e que são reafirmados pela imprensa. Nesse sentido, Perrot assevera que:

A modernidade também se operou por novas práticas corporais. A higiene, a água, as abluções desnudaram os corpos, os quais o espelho e a luz elétrica permitiram que fossem mais bem vistos, na sua integralidade. O banheiro tornou-se um lugar íntimo de autoconhecimento, grande tema dos pintores impressionistas. Entenda-se: para os meios urbanos e privilegiados, à medida que a adução da água vai progredindo lentamente, mas que se converte em sinônimo de democracia. Lavar-se, estar limpas, cheirar bem, cuidar de cabelos mais curtos passam a ser desejos compartilhados pela maioria das mulheres. No século XX, as revistas femininas tiveram um papel notável na difusão desses novos modos de comportamento que afetam as sociedades urbanas. (PERROT, 2003, p.23)

Na charge, as mulheres não pertencem a uma classe desfavorecida, porque é sabido que nesse período, as mulheres ricas e burguesas podiam contar com os privilégios de terem empregadas que colaboravam com a limpeza e organização da casa. A limpeza pode ser entendida aqui na representação dos cabelos mais curtos, mas mais que isso, pela não aceitação de outra mulher na casa dividindo a atenção do marido. De acordo com Pinsky (2012), nas cidades da *Belle Époque* brasileira, que se pretendiam ser higiênicas e modernas, as zonas de prostituição deveriam ficar longe de bairros residenciais, evitando contaminá-los.

3.3 Mulheres e saúde do corpo: a publicidade nas páginas da revista *A Bomba*

Os meios de comunicação ocupam um lugar de entremeio entre o público e o privado, através da representação de espaços sociais e ideológicos, configura discursos e sujeitos, de modo que os indivíduos passem, na intersecção da casa e da rua, a utilizar-se de modelos e padrões de comportamento veiculados nas revistas em ambos os espaços. O discurso publicitário, em especial, busca influenciar os leitores a adquirir certos produtos, objetos, serviços e modos de ver

e pensar o mundo. Contudo, essa adesão só ocorre, de acordo com Níncia Borges Teixeira e Denise Witzel (2008, p.156) “[...] se houver uma identificação com os valores culturais trabalhados no interior do anúncio. Há uma incessante busca e uma troca com um interlocutor/consumidor cúmplice, próximo”. Para Mikhail Bakhtin:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. (BAKHTIN, 2006, p.115)

Nesse sentido, podemos afirmar que em uma extremidade da ponte está o leitor e na outra o discurso publicitário, compondo um território comum que pode ser entendido como o espaço das revistas. E, nessas relações, emergem discursos de uma época, crenças e ideologias que perpassam a memória coletiva de uma sociedade a qual deparava-se, no início do século, com uma série de problemas relacionados à saúde pública, com situações de epidemia e ausência de assistência médico-hospitalar.

No Brasil, até o início do século XX, os serviços de saúde tinham pouca ou nenhuma participação do governo, os hospitais e santas-casas eram mantidos em maior parte por entidades beneficentes e filantrópicas. Em 1901 com a criação da Diretoria Geral de Saúde Pública, inicia-se uma participação mais efetiva de políticas públicas voltadas à saúde, contudo, conforme afirmam João Risi Junior, Roberto Passos Nogueira et al, de um modo geral,

[...] a assistência à saúde, [...] estava restrita a situações de epidemia e aos casos de especial interesse para o controle das condições de saúde pública, no eixo central da economia, havendo de fato quase nenhuma capacidade de atuação do poder federal na assistência individual à saúde. (RISI; NOGUEIRA et al, 2002, p.21)

Em 1903, quando Oswaldo Cruz assume a diretoria, cargo que corresponde hoje ao de Ministro da Saúde, são lançadas no Rio de Janeiro, entre

1903 e 1908, uma série de campanhas contra a febre amarela, varíola e febre bubônica. Com a criação, em 1904, da lei que obrigava os cidadãos à vacinação, eclode, no Rio de Janeiro, uma série de manifestações populares contra a medida, no que fora chamado de “Revolta da Vacina”. De acordo com Nicolau Sevcenko, “Trata-se de um dos episódios menos compreendidos da história recente do Brasil”, o historiador observa ainda que:

Do ponto de vista das autoridades, as pessoas se revoltaram porque, na sua ignorância, tinham medo e desconheciam o processo de imunização pela vacina (contra a varíola). Nesse sentido, teria sido um levante irracional, de gente rude, com mentes obsoletas e incapazes de compreender o curso inexorável do Progresso. Por isso mesmo, o episódio foi tratado como um segundo Canudos enquistado no seio da capital, o qual seria preciso eliminar para salvar a República (SEVCENKO, 1998, p. 168).

A imprensa, chancelada pelos discursos de intelectuais como Olavo Bilac, Ruy Barbosa e Bastos Tigre, que se posicionou por determinado tempo contra a lei que obrigava os cidadãos cariocas a vacinação, utiliza-se da ausência de recursos para prevenção e cuidados com a saúde individual, para oferecer e divulgar uma série de medicamentos ou tônicos fortalecedores, indicados principalmente às mulheres que tinham condições de adquirir tais produtos, os quais eram produzidos em lugares como Rio de Janeiro, São Paulo, Pelotas, Curitiba.

Nesse sentido, podemos entender, que a oferta desses medicamentos oriundos de diferentes partes do país, constituem as primeiras linhas do processo de globalização que começava a se desenvolver no país. Aqui entendida, enquanto intensificação e aproximação das relações sociais, produtos e serviços de diferentes localidades. Para Giddens, (2000, p. 69) “[...] os acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo muitas milhas de distância e vice-versa”, que formariam, dentre outros fatores, o efeito inerentemente globalizante da modernidade o que levou não apenas a circulação de alguns remédios oriundos de outros estados como a influência na forma com a qual a imprensa divulga esses produtos.

Outro aspecto da modernidade, ressaltado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, no estudo *Vendendo Saúde: história da propaganda de medicamentos no Brasil* (2008), aponta que:

[...] um dos primeiros sinais de que o Brasil esforçava-se para entrar no século XX foi o advento de novas técnicas de propaganda, nas quais não apenas o texto tornou-se mais dinâmico e moderno como a ilustração passou a desempenhar papel importante. Não por acaso, tais inovações aconteceram na área de propaganda de medicamentos. (BRASIL, 2008, p.35)

Seguindo a expansão dos reclames nas páginas dos periódicos dos grandes centros brasileiros, as revistas paranaenses também são invadidas por publicidades de medicamentos, o que indicava a importância crescente que a propaganda desempenhava para a popularidade e venda desses produtos, sobretudo, na utilização de textos e imagens, começam a aparecer, também, no discurso publicitário de algumas propagandas de medicamentos da revista *A Bomba*, conforme figura abaixo:

ELIXIR DE NOGUEIRA



□ □ ■ □ □

Entrevada durante seis mezes!



Parahyba, 26 de Novembro de 1911.

Snr. João da Silva Silveira

Pelotas—Rio Grande do Sul.

Saudações

Prezado Snr., sem que me seja pedido, e sem o menor interesse, penso ser meu dever narrar o grandioso milagre que acaba de fazer o seu grande preparado „Elixir de Nogueira“, em minha **mu**lher, que durante seis mezes esteve com um terrivel e pertinaz rheumatismo, durante este tempo não se levantava nem se virava, sem que duas pessoas a tomassem para segurar-lhe as pernas e braços com todo o cuidado, pois as dores eram horriveis, noite e dia, que ninguem dormia, durante este longo tempo.

Morava eu na cidade de Itabayanna, onde lutei com medicos diversos, com todos os remedios que se fabricam pelo sul, norte e sertão, e com os chamados caeiros.

Já esperava a fatalidade quando, a Snra. do Major João Fortunato da Costa, que estivera da mesma forma, me ensinou o „Elixir de Nogueira“; comprei 3 vidros, é admiravel, levantou-se, engordou e concebeu, terminando em felicidade.

Convem dizer que esperei 10 mezes a ver si a molestia voltava, o que não succedeu, graças a Deus.

Com estima Crd.º e Obgd.º

João Baptista Luz.

(Firma reconhecida)

□ □ ■ □ □

Casa Matriz, Pelotas -- Casa Filial, Rio de Janeiro
Vende-se nas pharmacias e drogarias
Cuidado com as imitações

UNICO QUE CURA A SYPHILIS

Figura 20 - Elixir de Nogueira.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 4. Julho de 1913. Biblioteca Pública do Paraná

Nesse contexto surge o que fora chamado de Homem-Reclame, e atribuiu-se a José Lyra, como um dos destaques da função que mais tarde passou a ser chamada de publicitário. José Lyra foi “um fenômeno que valorizou marcas e marcou época [...] Responsável por recordes de venda para seu maior cliente, o laboratório Daudt” (BRASIL, 2008, p. 45), dentre as quais figuram o medicamento *A Saude da mulher: remédio eficaz para as enfermidades de senhoras* (Figura 21), cuja propaganda foi veiculada em todas as edições do periódico *A Bomba*.

A SAÚDE DA MULHER



Para curar incommodos uterinos, não são mais precisos taes aparelhos. Basta A Saúde da Mulher (de uso interno).

Remedio effcaz para as enfermidades de senhoras

A Saúde da Mulher, por sua acção estimulante e tónica sobre o utero, e o remedio por excellencia para os incommodos das senhoras, taes como: suspensões, flores brancas, hemorrhagias, colicas uterinas, dores rheumaticas da edade critica, irregularidades menstruaes. — Laboratorio Daudt & Lagunilla — Rio de Janeiro.

Inventores dos preparados: A Saúde da Mulher, Bromil, Boro-Boracica e Depurativo Lyra (Hemosano)

Figura 21 - A Saúde da mulher.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 4. Julho de 1913.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq=>

A relação entre imprensa e medicamentos não se deteve apenas aos anúncios veiculados nas revistas, como parte integrante dos planos de estratégia publicitária, é lançado em 1906, o almanaque *A Saúde da Mulher*, em alusão ao medicamento de mesmo nome. De acordo com estudos realizados pela Anvisa (2008), a cartilha atingiu tiragens históricas, cerca de 1,5 milhão de exemplares, e circulou até 1974. Na década de 1920, o laboratório responsável pelo medicamento fechou

[...] o maior contrato publicitário da história brasileira, num investimento que somou 1.200 contos de réis em peças para outdoors, bondes, painéis luminosos (os primeiros do Brasil) e inovadoras malas-diretas, tudo para *A Saúde da Mulher*. O volume de impressos produzidos pelos produtos Daudt já era, em 1922, tão grande que o laboratório fundou sua própria gráfica. (BRASIL, 2008, p. 29)

Lyra teve efetiva participação nessa empreitada publicitária do laboratório, e em especial do medicamento *A Saude da Mulher*, de acordo com Eduardo Bueno e Paula Taiteibaum, “bordões tão auto-confiantes quanto ele mesmo” (2008, p. 29). Suas ações iam além das construções textuais para divulgação de marcas e produtos, o homem-reclame, organizava desfiles para exibição de anúncios, em períodos diferentes do carnaval, fazia a distribuição de amostras grátis, realizava concursos de cartazes com o patrocínio do laboratório Daudt & Lagunilla, e descobriu conforme aponta estudo realizado pela Anvisa: “a força do merchandising, imprimindo a marca *A Saúde da Mulher* em guarda-sóis de praia e sombrinhas para regatas, dadas para ‘senhoras formadoras de opinião’”. (BRASIL, 2008, p.47).

As publicidades de medicamentos são cenário para a circulação de discursos que carregam valores e ideologias de um Brasil do início do século XX; espaços de representação de vida saudável “sem incômodos”; palco onde afloram as memórias coletivas de que a mulher seria o sexo frágil, passível de inúmeras doenças e males do corpo, o que pode ser verificado na indicação dos medicamentos: *Elixir de Nogueira*, (figura 20) curou de reumatismo uma senhora que há seis meses não levantava da cama e já tinha passado por todos os médicos e remédios, é indicado por uma opulenta senhora da época *A Saúde da Mulher* “[...] é o remédio por excellencia para os incommodos das senhoras”

(figura 21); Do mesmo modo, o *Específico das senhoras e pessoas debilitada* (figura 22), conforme o próprio nome sugere coloca lado a lado as pessoas debilitadas e as senhoras

ESPECIFICO
das Senhoras e Pessoas
Debilidades
Mistura Ferruginosa Glycerinada
 Preparado do pharmaceutico
Erich Albert Gauss

—♦♦♦—

Analysado pela Inspectoria de Saude Publica do Estado.
 Condecorado com diploma de honra e medalha de
 ouro pela Academia Phisico-chimica Italiana de
 Palermo. A ultima palavra da medicina POSITIVA. Substitue com enorme vantagem
 as Emulsões, Vinhos, Xaropes, Eli-
 xires, etc. etc.

Infalivel para cura de Anemia, Chlorose, Flores brancas, Suspensão, Irregularidade da menstruação, Colicas uterinas, Hemorrhagias uterinas, Dyspepsias, Fastio, Opilação, (Amarellão), Enfraquecimento dos Ouvidos, Neurasthenia.

Tonico e reconstituente sem rival para homens, senhoras e crianças.

Esse precioso medicamento, producto de longos estudos e experiencias, é uma preparação de raizes medicinaes, e especialidades officinaes assaz modernas e de efeitos insofismaveis. Longe de ser um remedio de pura exploração da humanidade „e que cura tudo”, a nossa *Mistura Ferruginosa Glycerinada* é um remedio positivo, desinado a curar somente as molestias provenientes do enfraquecimento do *sangue e nervos*; portanto a debilidade em geral. Tambem não é este extraordinario remedio uma droga que os enfermos tenham que ingerir as duzias de frascos.

Muitas e muitas vezes *um unico frasco ou dois* é o bastante para restabelecer um organismo depauperado pela debilidade, e o seu maravilhoso effeito se manifesta logo após algumas doses tomadas, estendendo-se este sobre a pelle, dando a cutis um avelludado roseo e brilho aos olhos muitas vezes amortecidos pela fraqueza. Sob sua influencia, podem-se presenciar verdadeiras resurreições: Tuberculosos mui gravemente atacados veem melhorar suas lesões, o appetite voltar com a nutrição e uma sensação de força e de conforto invalescer todo o organismo.

Milhares de pessoas curadas
 FABRICA E LABORATORIO EM

L. da Matriz, 10 **S. Roque** E. de S. Paulo

Em Curityba—Srs. Oncken Irmão & Müller.
 No Rio de Janeiro: Unicos depositarios—J. Rodrigues & Comp., rua Gonçalves Dias n. 59.

PEÇAM
 „MISTURA DE GAUSS”
 Preço : 4\$000 o frasco

Figura 22 - Especifico das senhoras e pessoas debilitadas.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 8. Julho de 1913. Biblioteca Pública do Paraná.

O tônico fortificante *Dynamoginol* (figura 23), nessa perspectiva, representa uma ferramenta que proporciona saúde e força às pessoas fracas, sobretudo às mulheres, e nestas, seus efeitos atuam até mesmo no fortalecimento de partes externas do corpo.

**A vida do corpo
é o sangue**

Onde ha **sangue** bom e rico, ha
nutrição perfeita e, por conseguinte,
bôa saúde. O DYNAMOGENOL
é um agente extraordinario para pro-
mover as funcções proprias da elimi-
nação e assimilação.

O DYNAMOGINOL
é o Rei dos tonicos e fortificantes
é o mais belo e agradável dos reme-
dios phosphosphatados, é o mais
experimentado, é o mais perfeito e
mis assimilavel.

As **pessoas magras** sentem-se
felizes usando o DYNAMOGENOL,
pois tornam-se gordas e sadias, Nas
senhoras os **seios desenvolvem-se**,
reconstituem-se, conservando a con-
formação primitiva.

*Fabrica: Pharmacia Marinho
Rua Sete de Setembro, n. 186,
Rio de Janeiro
Deposito: Drogaria Pacheco*

Figura 23 - O Dynamoginol.

Fonte: Revista *A Bomba*. Edição nº 3. Julho 1913. Biblioteca Pública do Paraná.

No que tange à reflexão sobre as publicidades que veiculavam nos periódicos, nesse período, Teixeira e Witzel afirmam:

o discurso publicitário dos antigos anúncios de medicamentos se realizava na medida em que dialogava com as representações que se estabeleciam de acordo com o modo de significação da ideologia da época, sobretudo a que reproduzia os valores burgueses, estabelecendo sua legitimidade de publicação e fixando certos padrões de pensamento e comportamento. (TEIXEIRA; WITZEL, 2008, p. 154).

É importante ressaltar que esses medicamentos e os discursos veiculados a partir das peças publicitárias, além de indicarem o poder curativo e fortalecedor, reproduzem, e, de acordo com Teixeira e Witzel (2008, p. 154), “[...] sustentam práticas identitárias mediante o uso de uma linguagem (verbal e não verbal) altamente sedutora e, não raro, amedrontadora”. Para Mikhail Bakhtin (2006, p.36) o espaço semiótico e o “papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem”. A partir das assertivas bakhtinianas, podemos entender que a palavra “sangue” ora relacionada à saúde, com o medicamento *Dynamoginol* (figura 23), ora à fraqueza e doenças *Específico das senhoras e pessoas debilitadas* (figura 22) e *A Saude da Mulher* (figura 21), bem como, as impurezas do sangue, *Elixir de Nogueira* (figura 20), são ligadas à figura da mulher e a menstruação, palavra esta que, na maioria dos textos é substituída pelas expressões: “desconfortos uterinos”, “hemorragias”.

A linguagem publicitária é utilizada como ferramenta para gerar modelos de comportamentos e pensamentos, a partir dos processos de representação de aspectos constitutivos do gênero e identidade, constituem-se, de acordo com Armand e Michele Mattelart:

[...] o único meio de suscitar adesão das massas; além disso, é mais econômica que a violência, a corrupção e outras técnicas de governo desse gênero. Mero instrumento, não é mais moral nem mais imoral que ‘a manivela da bomba d’água’. Pode ser utilizada tanto para bons como para maus fins. Essa visão instrumental consagra uma representação da onipotência da mídia,

considerada ferramenta de 'circulação eficaz dos símbolos.
(MATTELART, A.; MATTELART, M., 2001, p.51)

Essa poderosa ferramenta de circulação de símbolos ratificam as assertivas propostas por Teixeira (2011) de que as revistas funcionam como importantes instrumentos pedagógicos para as leitoras.

4. CONCLUSÃO

Palavras são pássaros. Voaram! Não nos pertencem mais. (Helena Kolody)

Os distanciamentos dos acontecimentos em relação ao tempo presente, tendem, conforme observa Halwachs (1990) a serem lembrados a partir de recordações familiares e pessoais, que se misturam na memória, demonstrando que “a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genética reportada do passado” (1990, p. 77). As recordações individuais, dizem respeito àquilo de significativo/marcante nas experiências de vida de cada indivíduo, e que mesmo essas vivências não podem ser revividas na totalidade, pois o que permanece é só parte do que realmente vivemos. Até mesmo as impressões afetivas, na visão de Halwachs, teriam a propensão de se manifestarem sob a forma de imagens e representações coletivas. As revistas nesse sentido, também vão lançar mão de aspectos significativos para o cotidiano das cidades. Aquilo que teve e teria maior repercussão e aceitação para o público urbano foi representado nos textos, charges, anúncios.

Para Ecléa Bosi, pela memória, “o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”. (BOSI, 2007, p.47). Nas análises realizadas nessa pesquisa, o espaço urbano da cidade de Curitiba, emerge como lugar de memórias coletivas, de uma Paraná das primeiras décadas da República.

O processo de modernização que vinculava experiências pessoais e sociais aos espaços urbanos pode ser lido através das considerações de Halwachs, de que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que, de certa forma, atribuem ao espaço público o status de objeto de reflexão e construção de práticas culturais. Assim apresentam-se nessa pesquisa novos arranjos e olhares para a cidade de Curitiba do início do século XX, enquanto lugar de memória e que encerra outras memórias e lugares de memória: textos, contextos, imagens e discursos dos periódicos *O Olho da Rua*, *O Paraná Moderno* e *A Bomba*.

A investigação dessas revistas, demonstrou como as mulheres são construídas pela mídia e também o modo como se constroem por meio dela. Nas páginas dos periódicos são configuradas visões do que é ser mulher: como se comportar, como se vestir, como agir em relação aos homens, cuidar dos filhos, preocupando-se sempre com uma educação adequada e ainda cuidar de si mesma. Os estudos acerca dessa imprensa feminina despertam algumas reflexões sobre a representação da mulher, num processo de identificação de conceitos e estereótipos que as levam à assimilação e aceitação de padrões estéticos e comportamentais idealizados para o público feminino. Estes estudos atuam como um marco significativo da história contemporânea, que documentam tanto a evolução da imprensa na modernidade, quanto da história social da mulher.

Desta forma, retomando a epígrafe do capítulo de fechamento desse trabalho, da poetisa paranaense Helena Kolody, deixo voar as palavras que fizeram desse desafio a realização do sonho, que elas voem até os leitores, numa perspectiva de obra aberta, conforme preconizada por Umberto Eco, e provoquem sempre novas reflexões, discussões e inquietações sobre as representações das memórias coletivas, de um Paraná moderno do início do século XX, que afloram nos anúncios, charges e matérias, os quais contribuiram para a produção de mecanismos pedagógicos para as mulheres curitibanas.

REFERÊNCIAS

A BOMBA. Revista Semanal. Curitiba. 1913. Acervo biblioteca pública do Paraná; Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq=>. Acesso em abr/2012.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª edição. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A sociedade em destaque.** 2010. Disponível em <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos.php>. Acesso em: abril de 2012.

BAKHTIN, **Mikhail.** **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12ª Edição. São Paulo. HUCITEC, 2006.

BARZ, Elton Luiz; BOSCHILIA, Roseli; HLADGZUK, Ana Maria; SUTIL, Marcelo Saldanha. **História de Curitiba.** Curitiba, 2000. Disponível em: http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html. Acesso em dezembro/2013.

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência.** Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** Trad. Paulo Neves. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo. 1999.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metropole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. 2.ed. Sao Paulo: EDUSP, 2000.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 15. ed. São Paulo: Cia das letras, 2009.

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Vendendo Saúde**: história da propaganda de medicamentos no Brasil / Eduardo Bueno. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária. 2008. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf. Acesso em fev/2014.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. **Entrevista Pierre Nora, ou o historiador da memória**. História Social, nº6, pp.13-33, 1999. Campinas. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/363/314>. Acesso em janeiro/2014.

BUENO, Wilma de L. **Mulheres escritoras no Paraná nos anos 30**. 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0510.pdf>. Acesso em março de 2013.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2ª ed. São Paulo, Editora Ática. 1990.

_____, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

CARVALHO, Katia de. **A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20**: um sistema de informação cultural. Ciência da Informação, Vol 24, nº 01, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa. 1990.

COSTA, Jean Henrique. **Os estudos culturais em debate**: um convite às obras de Richard Hoggart, Raymond Williams & E. P. Thompson. Acta Scientiarum.

Human and Social Sciences. Maringá, v. 43, nº 2, p. 159-168, Jul-Dez/2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/issue/archive>. Acesso em: agosto de 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. Sao Paulo: UNESP, 1990.

HABNER, June E. **Honra e distinção das famílias**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres. Editora Contexto: São Paulo, 2012. (pp. 43-64).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Minas Gerais: UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **O que querem os dicionários**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento. Ensaístas Brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 27.

JINZENJI, Monica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KAMINSKI, Rosane. **O belo efêmero, o gosto brejeiro: imagens da vida fugidia nas revistas curitibanas (1900-1920)**. 2010. Disponível em <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/artigos.php>. Acesso em junho de 2012.

KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho**. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87728>. Acesso em agosto/2013.

KATO, Allan Thomas Tadashi. **Paranaguá, Antonina e Curitiba, início do século XIX: reconstituindo espaços e a lógica de sua organização social**. An. mus. paul. vol.20 nº.1 São Paulo Jan./June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-7142012000100010&script=sci_arttext. Acesso em 04/02/2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

LAROCAL, Liliana Müllr; MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937)**. Revista Interface (Botucatu) vol.14 nº.35 Botucatu Oct./Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000400004

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero**. 1987.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **A nova historia**. Coimbra: Almedina, 1978.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico** – a revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. **Da fantasia à história: folheando páginas rasteiras**. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a03.pdf>. Acesso em dezembro/2013.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. 8ª edição. Loyola: São Paulo, 2001.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEUKIRCHEN, Clarice Braatz Schmidt. **Tempo e memória na lírica de Adelia Woellner**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2006. Disponível em: http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2006-12-21T161916Z-116/Publico/Clarice%20Braatz%20Schmidt.pdf

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Khoury. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história. pp. 7-28, nº 10, dezembro/1993. São Paulo.

NOVAES, Gabriela. **Cidade dos desejos: Belle Époque, Lazer e Imprensa em Piracicaba (1900-1914)** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. 2010.

O OLHO DA RUA. Revista Semanal. Curitiba/PR, 1907 - 1911. Acervo biblioteca pública do Paraná;

_____ Hemeroteca Digital Brasileira.
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=721077&pesq=>. Acesso em abr/2012.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário**. Revista Brasileira de História. 1995. Vol. 15, nº 29. São Paulo. pp 9-27. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3370. Acesso em: maio de 2012.

PERROT, Michelle. **A vida em família.** In: PERROT, Michelle (org.) História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras. 1991, p. 187-192.

_____, Michelle. **Escrever uma História das Mulheres:** relato de uma experiência. Cadernos Pagu, vol. 4. 1995, p. 9-28.

_____, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher.** In: SANTOS, Maria Izilda Santos de Matos, SOIHET, Rachel. O Corpo feminino em debate. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____, Michelle. **Minha História das Mulheres.** Tradução Angela M. Correa. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **A era dos modelos rígidos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres. Editora Contexto: São Paulo, 2012. (pp. 469-512).

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **O humor gráfico no início do século XX em Curitiba.** Rio de Janeiro, v. 6, nº. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte_decorativa/humorgrafico.htm>

RAGO, Luzia Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). Maculino, feminino, plural. Ed. Mulheres, 1998.

_____, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **Violência de Gênero no Brasil:** Conceitos versus dados in: A Onipresença do Gênero nas relações humanas. Anais 48ª reunião da SBPC, 1996. PUC-SP.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: **uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SCOTT, Ana Sílvia. **O caleidoscópio dos arranjos familiares**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres. Editora Contexto: São Paulo, 2012. (pp. 15-42).

SCHMIDT, Simone Pereira. **Como e porque somos feministas**. Revista de Estudos feministas. Editora Edusc: Florianópolis. 1999. pp.17-22.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematografo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SODRE, Nelson Werneck. **Historia da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 1966.

SOUZA, Sílvia Cristina Martins; NISHIKAWA, Reinaldo. **A Lei de terras nos folhetins D'O Dezenove de Dezembro**. Revista História Social. nº 10, pp. 239-262, 2003. Campinas. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/335/290>

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. **Imagens literárias urbanas**: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis. 2005.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. **Imprensa Feminina e representações sociais**: a mulher na revista Grande Hotel. I Congresso Internacional de Comunicação Ibero americana. São Paulo, 2011. v. 1. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/256.pdf>. Acesso em outubro/2013.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges; WITZEL, Denise Gabriel. **Discurso, história e formas de constituição do “eu” feminino em antigos anúncios de medicamentos**. Revista Letras, Curitiba. nº. 74, p. 153-163, jan/abr 2008. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/9805>. Acesso em abril/2013.

PAULA, Richard Negreiros de. **Semente de Favela: jornalistas e o espaço urbano da Capital Federal nos primeiros anos da República**. Revista Cantareira, nº 03, vol. 1. 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e03a05.pdf>. Acesso em janeiro/2014.

RIZZI, Suzelle. **Candido de Abreu e a arquitetura de Curitiba entre 1897 e 1916**. Dissertação (Mestrado em teoria, história e crítica de arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curitiba. 2003:

OLIVEN, Ruben George. **Cultura e Modernidade no Brasil**. São Paulo Perspec. vol.15 no.2 São Paulo Apr./June 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200002

ACHETTINO, Patrícia Thomé Junqueira. **A mulher e a casa**. Estudo a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais. 2012.

SUTIL, Marcelo Saldanha. **Espelhos por fora, miragens por dentro: a cidade e o morar no início do século XX**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 28, pp. 249-268, mar/2002. Curitiba. Disponível em: http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_2/FCHLA/FCHLA%2028/PDF/art%2012.pdf. Acesso em janeiro/2014.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**, 3: República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.